

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

**“PELA PÁTRIA!”: A Campanha de nacionalização repercutida nas páginas do
jornal *Correio de São Leopoldo* durante a Segunda Guerra Mundial**

Paulo Sérgio de Souza de Azevedo

Orientador: René Ernaini Gertz

Porto Alegre
2011

Paulo Sérgio de Souza de Azevedo

**“PELA PÁTRIA!”: A Campanha de nacionalização repercutida nas páginas do
jornal *Correio de São Leopoldo* durante a Segunda Guerra Mundial**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao
Departamento de História da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em História

Orientador: René Ernaini Gertz

Porto Alegre
2011

“Não temos mais problemas regionais, todos são nacionais e interessam o Brasil inteiro”
(Getúlio Vargas)

AGRADECIMENTOS

Nesta sessão quero agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse concluído.

Primeiramente agradeço aos meus pais, o senhor Paulo Mendes da Silva e a dona Hermenegilda de Souza, que custearam meus estudos durante toda a minha vida escolar, desde o ensino fundamental até o ensino superior, e que acima de tudo me deram o devido apoio e carinho nos momentos de maior dificuldade. Retribuo, em humildes palavras, a afeição de Rosana Muller, que fez com que os dias em que me dediquei à realização deste trabalho tivessem uma dose maior de felicidade.

Quero agradecer ainda ao professor Benito Bisso Schmidt, pelas valiosas contribuições na elaboração de meu projeto de pesquisa, e ao meu orientador o professor René Ernaini Gertz, que me concedeu a liberdade para traçar os caminhos deste trabalho, mas que, ao mesmo tempo, me deu as devidas sugestões bibliográficas, sempre estando disposto a ajudar e a corrigir os eventuais erros de trajetória.

Vale, em especial, ressaltar a gentileza com que me tratou o historiador Germano Moehlecke, colaborando com valorosas informações acerca do jornal *Correio de São Leopoldo*.

Pela disponibilização do periódico que se constituiu no cerne de minha pesquisa fico grato pela ajuda da equipe do Museu Visconde de São Leopoldo.

Agradeço aos colegas de curso pelos momentos de descontração e também pelas ajudas que me deram sempre que precisei. Aqui, em especial, registro a contribuição de Rhuan Zaleski, pelas muitas indicações de bibliografia, Tiego Rebelo, por disponibilizar o material digitalizado da *Revista do Globo*, e André Marcuzzo, pelo empréstimo de livros importantes para a realização deste trabalho.

Por fim meus agradecimentos são direcionados a Deus, por me permitir chegar a este momento, mesmo com todas as eventuais dificuldades.

RESUMO

Este trabalho apresenta ao leitor uma análise do jornal *Correio de São Leopoldo*, com a intenção de demonstrar quais estratégias foram utilizadas pelo periódico na apropriação e na representação que este fez da campanha de nacionalização promovida pelo Estado Novo. O discurso do *Correio de São Leopoldo* também será estudado em termos das modificações que sofreu ao longo do tempo, de acordo com as conjunturas históricas, e ainda suas relações com o poder político local, especialmente com a figura de Theodomiro Porto da Fonseca. A nacionalização será estudada em relação as suas influências sobre os teuto-brasileiros, de considerável contingente populacional no município de São Leopoldo, sendo vistos, pelo governo federal, como empecilhos para a consolidação da identidade nacional brasileira. O marco cronológico terá como referencial o período que corresponde à Segunda Guerra Mundial, responsável por intensificar as hostilidades contra os descendentes de alemães, sobretudo a partir da entrada efetiva do Brasil no conflito, ocorrida no ano de 1942. A análise ainda levará em conta as peculiaridades que envolveram o contexto do Rio Grande do Sul, onde a nacionalização foi mais intensa durante a interventoria de Cordeiro de Farias, que ficou no poder de 1938 até 1943.

Palavras chave: campanha de nacionalização; teuto-brasileiro; etnicidade; Estado Novo; discurso jornalístico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – Aportes teórico-metodológicos.....	12
1.1 – O Nacionalismo: raiz do Estado Novo brasileiro.....	12
1.2 – Etnicidade: o grupo étnico teuto-brasileiro e a relação entre o “nós/outros”	14
1.3 – Apropriação: um conceito em articulação com as noções de “práticas” e “representações”	16
1.4 – A análise do discurso jornalístico como aporte metodológico	17
CAPÍTULO 2 – O jornal <i>Correio de São Leopoldo</i> e a campanha de nacionalização nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial: o contexto da “neutralidade” (1939-1941)	20
2.1 – A imprensa e o Estado Novo: cooptação dos meios de comunicação e propaganda política.....	20
2.2 – O jornal <i>Correio de São Leopoldo</i> : entre uma comunidade de forte influência germânica e a devoção à pátria brasileira.....	24
CAPÍTULO 3– A participação do Brasil na guerra: o rompimento com as potências do Eixo e os reflexos sobre o discurso jornalístico do <i>Correio de São Leopoldo</i> acerca da campanha de nacionalização (1942-1945)	33
3.1 – A participação efetiva do Brasil na guerra (1942-1945) e os reflexos sobre os teuto-brasileiros	33
3.2 – O <i>Correio de São Leopoldo</i> a partir da entrada do Brasil na guerra	37
CONCLUSÃO.....	49
FONTES.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Nessa sessão introdutória quero deixar claro que os objetivos de meu trabalho estão relacionados à tentativa de compreensão de como o jornal *Correio de São Leopoldo*¹, um periódico de circulação local, se apropriou e ressignificou a campanha que ficou conhecida como “nacionalização”, promovida pelo Estado Novo de Getúlio Vargas com o propósito de consolidar a nacionalidade brasileira através de um conjunto de medidas que atingiu especialmente os imigrantes e seus descendentes – os denominados “quistos étnicos”.² Concentrei minha pesquisa na identificação das opções discursivas do periódico, que, a fim de atingir a comunidade leopoldense, selecionou determinados aspectos da nacionalização, deixando outros de fora - sobretudo aqueles que se centravam em uma postura mais ofensiva aos descendentes de alemães, majoritários na região. O problema de pesquisa que guiou meu trabalho se deu na forma da seguinte pergunta: *Como a campanha de nacionalização promovida pelo governo federal durante o Estado Novo foi apropriada pelo jornal Correio de São Leopoldo, com o objetivo de disseminá-la entre a população local, durante a Segunda Guerra Mundial, tendo em vista as características peculiares deste município?*

Minha opção por tentar compreender os efeitos da nacionalização em São Leopoldo se deu pelo fato de ter sido essa uma região caracterizada por forte contingente de indivíduos de ascendência germânica. Vale lembrar que foi nessa localidade que se deu a fundação da primeira colônia de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.³ Outro dado que realça a imagem do município de São Leopoldo como “tipicamente alemão”, pode ser constatado nos dados que dão conta de que cerca de 70% dos habitantes da cidade, na década de 20, eram alemães.⁴

Importante, nesse primeiro momento, é deixar claro que a preocupação do governo federal com os indivíduos de ascendência germânica, vistos como ameaça para a unidade nacional brasileira, não se deu inicialmente no período que compreende o Estado Novo (1937-1945). Já na Primeira Guerra Mundial, sobretudo entre os anos de

¹ Vale aqui ressaltar que o jornal não possuía numeração, a qual foi por mim posta para fins didáticos. De um modo geral o *Correio de São Leopoldo* era um periódico de pequeno tamanho (4 páginas, na maioria das vezes), salvo as datas que contavam com edições especiais, e portanto ampliadas.

² Termo utilizado em muitas obras. Retirei de GERTZ, 2005. É interessante perceber que essa expressão tinha por objetivo dimensionar os imigrantes e seus descendentes como entraves para a consolidação da nacionalidade, por vezes eram vistos inclusive como “anomalia sócio-cultural” – expressão usada em SEYFERTH, 2010, p. 54.

³ Existe certa “disputa” entre Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e São Leopoldo pelo posto de primeira colônia alemã no Brasil.

⁴ GERTZ, 1987, p. 57. Os dados existentes dizem apenas a respeito de 1920, não encontrei informações correspondentes as décadas de 30 e 40.

1917 e 1919, tivemos a promulgação de medidas que restringiram a atuação da imprensa e das escolas étnicas alemãs. “Nessa ocasião surgiram as primeiras ações nacionalizadoras que modificaram os currículos escolares, como a exigência de ensino bilíngüe e a introdução das disciplinas história e geografia do Brasil, além da língua portuguesa” (SEYFERTH, 1998, p. 199). No entanto, o período em que tivemos a intervenção intensa do Estado brasileiro na questão da “assimilação” dos imigrantes e seus descendentes foi a partir de 1937, com uma série de medidas coercitivas, que se intensificaram com a Segunda Guerra Mundial, e que chegaram a restringir as liberdades individuais, especialmente das populações de origem alemã e japonesa.⁵

O recorte temporal aqui proposto, que compreende a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), faz com que sejam levadas em conta outras questões que vão além dos mecanismos utilizados pelo Estado Novo para consolidar plenamente a integração nacional. O conflito internacional que colocou de um lado as denominadas potências aliadas e de outro as forças do Eixo inevitavelmente interferiu no posicionamento brasileiro perante uma série de questões de ordem econômica, política, diplomática e étnica. As dimensões reduzidas do presente trabalho, entretanto não permitem que todas essas questões sejam aqui abordadas de maneira aprofundada, sendo meu foco o problema de pesquisa já mencionado na introdução.

Acredito ser de extrema relevância elucidar que não faz parte dos objetivos primordiais desse trabalho mostrar a maneira como a Segunda Grande Guerra repercutiu no *Correio de São Leopoldo*, e sim perceber como os acontecimentos arrolados no conflito internacional serviram para modificar o discurso jornalístico acerca da relação da identidade nacional brasileira com os possíveis “inimigos do patriotismo” no Brasil, especialmente os germânicos. Justamente é interessante verificar como ao mesmo tempo em que o jornal teve por objetivo disseminar a campanha de nacionalização de Vargas, que foi se tornando cada vez mais ofensiva com relação aos possíveis “súditos do eixo”⁶, procurou adaptar seu discurso a um público leitor extremamente identificado com a Alemanha, em inúmeros casos, até pelas origens marcadamente germânicas.

Foco de minha pesquisa, a disseminação da campanha de nacionalização será compreendida nesse trabalho em termos da relação entre o que verificamos em âmbito federal, estadual e em termos municipais, considerando as limitações de minha fonte principal. Os aspectos a serem efetivamente analisados no jornal estão relacionados aos

⁵ Ver SEYFERTH, 2010, p. 54.

⁶ Confesso que não sei quando esta expressão foi produzida em um trabalho acadêmico pela primeira vez. Para melhor compreensão desse termo consultei BROCCA, 2010.

rituais cívicos de culto à nação brasileira, a maneira como eram abordados os espaços de confraternização social (clubes, agremiações esportivas, instituições religiosas etc.)⁷, as ações educacionais para despertar o patriotismo na “mocidade” e ainda os aspectos que dizem respeito às hostilidades com relação aos “quistos étnicos”.⁸ Outra questão a ser destacada, e que aparecerá em minha análise, é a constante exaltação das forças armadas, o poderio do exército, que serviu como forte aliado na disseminação da nacionalização.

Quero ressaltar ainda alguns obstáculos que surgiram ao longo do período de realização desse trabalho, sobretudo naquilo que diz respeito à dificuldade de encontrar informações relevantes para o entendimento de como o jornal *Correio de São Leopoldo* se apropriou da nacionalização promovida pelo Estado Novo varguista e a repercutiu em suas páginas, adaptando o discurso às características e peculiaridades da população local, ao mesmo tempo em que atendeu aos interesses do governo municipal. Na verdade, devo confessar que desconheço qualquer trabalho acadêmico que já tenha trabalhado com o periódico que utilizei como fonte primordial.

Para sanar essa lacuna da falta de trabalhos acadêmicos, além da análise do periódico feita por mim – em que procurei me ater aos editoriais, à forma como as notícias estavam alocadas, entre outras questões que serão trabalhadas mais adiante – contei com a contribuição dada pelo historiador Germano Moehlecke, que, mediante conversas, me concedeu informações valiosas acerca do periódico – caracterizado pela estreita vinculação com o prefeito Theodomiro Porto da Fonseca.

Dentre as muitas questões a serem pensadas, quero destacar inicialmente as relações estabelecidas entre o poder político constituído em São Leopoldo e o governo de Vargas, as quais servem para compreender o forte discurso de caráter nacionalista presente no jornal *Correio de São Leopoldo*. Para compreender os motivos pelos quais considerei de extrema relevância verificar a relação entre poder local constituído, em termos políticos, e o Estado Novo varguista é necessário ter em mente algumas peculiaridades do jornal em análise.

O *Correio de São Leopoldo* foi fundado em 4 de abril de 1932, e teve circulação até o ano de 1952.⁹ Seu público alvo era a comunidade leopoldense, e foi criado como

⁷ Referência para os clubes sociais de São Leopoldo, enquanto espaços de reunião entre as elites é a tese de doutorado de RAMOS, 2000.

⁸ Expressão recorrente no jornal analisado. Ver *Correio de São Leopoldo*, 27 de mar. 1943, p. 3.

⁹ Os exemplares do *Correio de São Leopoldo* consultados encontram-se disponíveis no Museu Visconde de São Leopoldo. Para a realização de meu trabalho centrei minha análise nos periódicos que circularam durante o Estado Novo – a partir de 1937, mas especialmente os referentes ao período que compreende a

um órgão da imprensa de apoio ao prefeito da cidade, Theodomiro Porto da Fonseca, que governou durante um extenso período de tempo (1928-1944).¹⁰ Uma análise nem tão detida assim nos permite verificar a imensa quantidade de notícias que dão conta das realizações de Theodomiro no município de São Leopoldo. O periódico circulava semanalmente, sempre aos sábados, e tinha sua sustentação econômica pelos anúncios e pelas assinaturas de leitores, que podia ser anual, semestral ou pela compra de exemplares avulsos. Recorrentemente, nas páginas desse órgão da imprensa aparece a nacionalização, seja de maneira explícita, seja de modo mais velado, como tentativa de sobrepor a identidade nacional brasileira à forte ligação que a comunidade possuía com o germanismo.

Não sendo o foco da pesquisa, mas importante para pensar a questão da nacionalização, no âmbito sul rio-grandense os efeitos que a Segunda Guerra Mundial ocasionou foram diferenciados se levarmos em conta o período de “neutralidade”, de 1939 a 1941, e o de “guerra efetiva”, de 1942 até 1945. Pertinente também é pensarmos no posicionamento dos diferentes setores da sociedade na relação que estes tinham com o nazifascismo e os ideais democráticos apregoados pelos EUA. Se de um lado o que podemos constatar é uma inclinação da maior parte dos participantes da vida política brasileira pelos regimes totalitários europeus, de outro lado temos uma forte tendência da opinião pública brasileira em defender as potências aliadas.¹¹

Temos dois indivíduos de grande destaque, no tocante ao Rio Grande do Sul, na tentativa de integrar o estado de maneira plena à nacionalidade brasileira, são eles: o Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, interventor federal no Rio Grande do Sul entre 1938 e 1943; e o Coronel Aurélio Py, chefe de polícia de Porto Alegre, que escreveu materiais que aventavam possíveis conspirações nazistas no Brasil, como foi o caso do livro *A quinta Coluna no Brasil*, publicado no ano de 1942. Vale lembrar que o Rio Grande do Sul, ao lado dos outros dois estados do sul – Santa Catarina e Paraná –, representava talvez o principal foco de preocupação do Estado Novo, em termos da dificuldade de disseminação da campanha de nacionalização, até pela presença de um grande contingente de comunidades étnicas com organização social relativamente autônoma.

Segunda Guerra Mundial (39-45). Também li alguns jornais da década de 30, até como recurso para perceber mudanças discursivas que possivelmente ocorreram, de acordo com a conjuntura histórica.

¹⁰ A posse de Theodomiro Porto da Fonseca, político com forte orientação nacionalista e vinculação com Getúlio Vargas, ocorreu em São Leopoldo, no dia 12 de Outubro de 1928, e teve uma cerimônia acompanhada pela banda do 8º Batalhão de Caçadores e marcada pela presença de importantes autoridades, como foi o caso de Osvaldo Aranha (MOEHLECKE, 1978, p. 311-312).

¹¹ Ver GERTZ, 2008.

A campanha de nacionalização promovida pelo Estado Novo, existente já desde o ano de 1937, se intensifica principalmente em termos das hostilidades com relação aos imigrantes com ascendência germânica, italiana e japonesa, à medida que a guerra se desenrola e o Brasil se afasta das potências do Eixo e se aproxima das forças aliadas. Diferentemente da compreensão que temos de uma nação brasileira diversificada em termos religiosos, étnicos, culturais, no período em análise era bem mais difícil enxergar positividade nessa variedade (GERTZ, 2005, p. 165).

As próprias ações tomadas pelo governo Getúlio Vargas, naquilo que diz respeito ao projeto de consolidação da nacionalidade brasileira, foram se moldando as circunstâncias impostas pelas alterações no cenário da Segunda Guerra Mundial. É importante ter em mente que num primeiro momento o Estado Novo varguista teve considerável simpatia pela ideologia apregoada pelos regimes autoritários europeus, representados em grande parte pelas potências do Eixo, sobretudo Alemanha e Itália. Não foi o momento da eclosão da Segunda Grande Guerra, em 1939, que definiu o posicionamento brasileiro. No primeiro momento do conflito, o Brasil optou pela neutralidade, conservando relações diplomáticas e econômicas, tanto com os países do Eixo, quanto com as forças aliadas (especialmente EUA).

Determinante para a decisão brasileira de abandonar a “neutralidade” e entrar na guerra apoiando as forças aliadas foi o episódio do ataque a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, e a crescente pressão norte-americana sobre os países latino-americanos por tomada de posição. Nesse momento, percebe-se uma crescente tendência, por parte dos órgãos de imprensa especialmente, de destacar o combate aos “quinta-colunistas”.¹² Ao longo do trabalho, essas questões serão melhor trabalhadas, em articulação com as práticas discursivas adotadas pelo jornal *Correio de São Leopoldo*.

¹² Nesse contexto, o termo quinta-colunista se refere ao modo como eram designados os possíveis apoiadores do nazismo e do fascismo, durante a Segunda Guerra Mundial, nos países que tinham as forças do eixo como inimigas.

CAPÍTULO 1 – Aportes teórico-metodológicos¹³

1.1– O Nacionalismo: raiz do Estado Novo brasileiro

Nesse primeiro capítulo de meu trabalho, abordarei os aportes teórico-metodológicos a serem utilizados e a maneira como eles servirão de guias para a resolução de meu problema de pesquisa. Na questão conceitual, primeiramente trabalharei com o termo nacionalismo, utilizando como base as produções acadêmicas de Hobsbawm (1990) e Benedict Anderson (2008).

Com relação à obra *Nações e Nacionalismos* de Eric Hobsbawm (1990), destaquei como auxílio para meu trabalho a divisão utilizada pelo autor, que engloba as diferentes fases do nacionalismo, o qual teria seu apogeu situado cronologicamente entre os anos de 1918 e 1950, periodização que serve para pensarmos o Estado Novo brasileiro. Esse período se apresenta como um momento em que prevalecem os princípios da nacionalidade, com as questões nacionalistas do final do XIX tomando frente na organização dos estados.¹⁴Embora Hobsbawm aborde especialmente o contexto europeu, podemos perceber semelhanças com o nacionalismo brasileiro, sobretudo aquele desenvolvido sob a tutela do Estado Novo varguista, que se caracterizou por uma aproximação com relação às ideologias dos regimes fascistas na Europa.¹⁵

Outro autor renomado que trabalhou a questão nacional, e que acredito ser de extrema relevância utilizar algumas de suas concepções para desenvolver meu trabalho e solucionar meu problema de pesquisa, foi Benedict Anderson, no livro intitulado *Comunidades Imaginadas* (ANDERSON, 2008). Nessa obra, diferentemente da perspectiva adotada por Eric Hobsbawm, o autor aborda as raízes culturais do nacionalismo, a fim de compreender como esse se consolidou de maneira preponderante no século XX. Anderson centra sua argumentação bem mais na questão do amor à

¹³ Quero deixar claro que não é minha pretensão, com a elaboração deste capítulo, esgotar as questões teórico-metodológicas que dão sustentação a este trabalho. Os conceitos nacionalismo, etnicidade e apropriação serão constantemente abordados em articulação com a análise mais empírica das notícias contidas no *Correio de São Leopoldo*. O presente capítulo serve mais de suporte para o leitor compreender, simplificadamente, a maneira como teoria e metodologia estarão presentes nesta obra.

¹⁴ Ver HOBBSAWM, 1990, p. 159-194. Trata-se aqui do Capítulo V do livro, intitulado *O apogeu do nacionalismo*, p.159-194.

¹⁵ Embora Eric Hobsbawm centre seu trabalho nos países europeus, o autor não abandona a perspectiva global. Em um trecho de sua obra, ele menciona que, no contexto latino-americano, “(...) certos grupos, nas décadas de 30 e 40, surgiram para mostrar simpatia pelo fascismo europeu, o que lhes permitiu ser alvo de atenções posteriores” (HOBBSAWM, 1990, p. 179). Essa citação parece se enquadrar no caso brasileiro, no período de vigência do Estado Novo (1937-1945), considerando que o próprio governo Vargas, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, demonstrou momentos de inclinação com relação aos regimes totalitários europeus, idéia que bem trabalhada na já mencionada obra de SEITENFUS, 2003.

pátria, que levou um contingente populacional imenso a morrer pela nação, e menos no ódio ao “outro” que o nacionalismo exacerbado pode levar.

Esse amor quase que irracional pela pátria, algo construído historicamente ou *imaginado*¹⁶ – nas palavras de Benedict Anderson – aparece de maneira extremamente recorrente nas páginas do *Correio de São Leopoldo*. O patriotismo é base do discurso do jornal, tendo o cidadão brasileiro o “dever” de defender a causa nacional em qualquer circunstância. Essa questão do amor à pátria, do que podemos denominar de patriotismo, é desenvolvida por Anderson em termos da estreita relação com a língua vernácula. A citação abaixo resume a reflexão do autor acerca dessa questão:

(...) o amor patriae (...) não é muito diferente das outras afeições, em que sempre existe um elemento imaginário afetoso. (...). O que os olhos são para quem ama – aqueles olhos comuns e particulares com que ele, ou ela, nasceu – a língua – qualquer que seja a que lhe coube historicamente como língua materna – é para o patriota. Por meio dessa língua, que se conhece o colo da mãe e que só se perde no túmulo, restauram-se passados, imaginam-se companheirismos, sonham-se futuros (ANDERSON, 2008, p. 215).

Importante no caso em que estou me propondo analisar é a forte vinculação que os teuto-brasileiros possuíam com o idioma germânico, questão que, se não excluía o sentimento de brasilidade, reafirmava a identificação com a pátria alemã. Essa dupla identidade, no contexto brasileiro, não era bem vista pelos nacionalistas que pensavam os aparatos necessários, a serem utilizados pelo Estado Novo, para a assimilação dos “quistos étnicos”. Nesse ponto, a imposição da língua portuguesa, como único idioma, seria a responsável por promover uma pretensa homogeneização nacional, a qual seria garantia de uma nacionalidade plenamente reconhecida. De um modo geral, o caminho para o “abrasileiramento” se daria em termos sócio-culturais, pela língua e também pela educação (SEYFERTH, 1999, p. 218).

Dentre os elementos que fazem parte da argumentação de Anderson, bastante interessante também é a questão que diz respeito à relação entre patriotismo e racismo¹⁷, vista muitas vezes como direta. Diferentemente desse pensamento, Benedict Anderson acredita que o nacionalismo não é uma derivação direta do racismo, posicionamento que

¹⁶ Ver ANDERSON, 2008.

¹⁷ Questão trabalhada no Capítulo 7, intitulado *Patriotismo e Racismo*, p. 199-215.

é deixado bem claro em algumas passagens do texto.¹⁸ De certa forma, Anderson tenta reiterar ao longo de sua obra a idéia de que o mais importante é perceber o que leva as pessoas a “morrer pela nação”, muito mais do que “matar” em nome dela, como já foi comentado.

1.2– Etnicidade: o grupo étnico teuto-brasileiro e a relação entre o “nós/outros”

Quero mencionar outro conceito que faz parte das variáveis para a resolução de meu problema de pesquisa, o termo etnicidade, que serve para compreendermos a existência de um forte sentimento de pertencimento ao grupo teuto-brasileiro, por parte da população leopoldense. Sentimento esse que se mostra contrastante e incompatível com a identidade brasileira apregoada pelos nacionalistas – como já foi mencionado no item anterior. Nesse ponto, é importante destacar que o conceito de etnicidade se encontra em conflito com o de nacionalismo, especialmente em um contexto multiétnico, como é o caso brasileiro.¹⁹

A obra que mais me auxiliou, em termos da evolução e dos debates existentes acerca do termo em abordagem foi *Teorias da etnicidade* (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). Também devo mencionar, naquilo que diz respeito a essa questão conceitual, o trabalho *Grupos étnicos e suas fronteiras* (BARTH, 1969). Consensual entre os pesquisadores que debatem a etnicidade são os aspectos relacionais e dinâmicos dos grupos étnicos. Se por um lado esses grupos consolidam sua identidade cultural mediante a oposição a outros, por outro lado também não deve ser esquecido o caráter de permanente construção e transformação (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 123-124).

O grupo étnico central em meu trabalho, os teuto-brasileiros, se caracteriza por uma dupla identificação de seus indivíduos, os quais reivindicavam cidadania brasileira, mas, ao mesmo tempo, conservavam a identificação com a pátria alemã.²⁰ Podem ser vistos como um grupo construído e consolidado no contexto da imigração e colonização do Brasil, especialmente no período da década de 40 – abrangendo boa parte da

¹⁸ A citação seguinte dá bem a tônica desse pensamento do autor: “O fato é que o nacionalismo pensa em termos de destinos históricos, ao passo que o racismo sonha com contaminações eternas, transmitidas desde as origens dos tempos por uma seqüência interminável de cópulas abomináveis: fora da história” (ANDERSON, 2008, p. 208).

¹⁹ Para o contexto brasileiro e a relação conflituosa entre etnicidade e nacionalismo, é interessante ver SEYFERTH, 2010, p. 55.

²⁰ Para essa questão, é importante ver GERTZ, 1987. Nesse artigo é trabalhada a articulação entre nacionalidade e cidadania.

Segunda Guerra Mundial.²¹ Essa constatação indica para a necessidade de serem destacados, ao longo de meu trabalho, os já mencionados aspectos dinâmicos que tangem o grupo étnico em questão, que também não pode ser pensado como um bloco monolítico, ao passo que em determinados momentos essa identidade – como qualquer outra – passou por transformações e negociações com outros grupos, sofrendo também cisões originadas pelos membros da própria comunidade étnica.²²

Apesar das diferenças dentro do grupo étnico teuto-brasileiro foi justamente a homogeneidade em determinadas comunidades, que fez com que essa identidade se consolidasse, inclusive com a criação de associações que permitissem o fortalecimento dos laços comunitários, baseados em uma suposta origem comum. No contexto de São Leopoldo, percebemos a formação de muitas associações das mais diversas naturezas (esportivas, recreativas, religiosas) que em sua fundação contavam basicamente com alemães ou descendentes germânicos, sendo a maior parte dos freqüentadores das sociedades de maior renome membros da elite social.²³

Barth desenvolveu a idéia de que é a “fronteira étnica que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange” (BARTH, 1969, p. 195). Essa afirmação não significa desconsiderar a importância do conteúdo cultural produzido pelos grupos étnicos, mas sim elucida que o contato e o conflito nas relações sociais entre diferentes grupos são determinantes para a consolidação da identidade étnica. Percebemos nesse caso a importância da relação “nós/eles”, onde o “outro” é muitas vezes visto não apenas como vizinho, mas sim como inimigo potencial. Aqui vale lembrar que por mais que inúmeros dos denominados teuto-brasileiros se sentissem mais brasileiros, que alemães, tinham suas imagens associadas à idéia de estrangeiros, sendo designados por termos bastante pejorativos, como “traidores”, “espiões” e “sabotadores”, questão que veremos mais detidamente nos capítulos que tratam da análise do *Correio de São Leopoldo*.²⁴

²¹ Ver o artigo de VOIGT, 2007. Nele o autor discute a “invenção” do termo teuto-brasileiro, destacando a contribuição dada pelo antropólogo Emílio Willems.

²² Em alguns momentos do trabalho, serão abordadas as diferenças entre o que era apregoado pela elite intelectual teuto-brasileira e o restante da comunidade, as “pessoas comuns”.

²³ Ver RAMOS, 2000, p. 82. Nesse trecho de sua obra, a autora comenta que na origem dos clubes mais antigos (focalizando São Leopoldo) a questão étnica era importante para determinar quem poderia freqüentar essas associações – o “sangue germânico” era um critério de seleção –, porém, as políticas nacionalizadoras e o contexto da I Guerra e posteriormente da II Guerra Mundial modificam esse cenário, encaminhando-se para um “processo de interação” – nas palavras de Eloísa Ramos.

²⁴ Nos jornal *Correio de São Leopoldo* são mencionados alguns casos de teuto-brasileiros que teriam atitudes de demonstração de identificação com a pátria alemã, postura evidentemente bastante criticada pelo periódico.

1.3 – Apropriação²⁵: um conceito em articulação com as noções de “práticas” e “representações”

A utilização do conceito de apropriação, sob o viés de Roger Chartier (2002), servirá para uma melhor compreensão de como um jornal de circulação local, o *Correio de São Leopoldo*, disseminou uma campanha nacional para seus leitores, através da seleção de determinados aspectos e da supressão de outros, a fim de adaptar o discurso à comunidade – sendo importante aqui considerar as peculiaridades do município de São Leopoldo no período que compreende a Segunda Guerra Mundial.

Para situar o trabalho do historiador Roger Chartier vale lembrar que este faz parte do seleto grupo dos principais pensadores da denominada Nova História Cultural, de grande contribuição naquilo que diz respeito à diversificação dos objetos compreendidos como produções culturais. Essa perspectiva histórica leva em conta não apenas o estudo da “cultura popular”, ou da “cultura letrada”, mas também as “representações e os discursos – aspecto central em meu trabalho – produzidos pelo homem (BARROS, 2005, p. 126).

Ao pensar no termo “apropriação”, é importante considerar a articulação, proposta por Chartier, que este tem com a noção de “representação” e a idéia de “práticas culturais”. Em meu trabalho vai ser abordada a apropriação e a representação que o jornal *Correio de São Leopoldo* faz do projeto de nacionalização idealizado e posto em prática pelo Estado Novo brasileiro, com enfoque no período que compreende a Segunda Guerra Mundial – o que faz com que seja necessário levar em conta as interferências desse conflito internacional, especialmente a participação efetiva do Brasil, na campanha de nacionalização e no discurso do periódico que é objeto deste trabalho. As representações produzidas atendem sempre a determinados interesses de quem as produz, tendo o poder de modificar as práticas culturais de uma determinada sociedade, nesse caso a comunidade de São Leopoldo. No trecho abaixo, da obra de Chartier (2002), aparece nitidamente essa questão:

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí,

²⁵ O termo “apropriação”, empregado aqui como conceito, é entendido por Barros (2005) como uma “noção”, assim como “representações” e “práticas. Para o autor, conceitos “são instrumentos de conhecimento mais elaborados, longamente amadurecidos (...)” (p. 136).

para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p. 17).

A citação acima remete não apenas para a representação na forma de práticas discursivas isoladamente, mas também diz respeito às intencionalidades de quem produz determinado discurso e que, através dele, tem por objetivo modificar costumes, ou pelo menos a maneira como os indivíduos a que se deseja atingir enxergam determinado aspecto social. Essa idéia pode vir articulada com os cuidados que se deve ter na análise de determinado discurso jornalístico, até para não cair na armadilha de considerar que o público alvo é atingido e fica passivo, aderindo plenamente à mensagem que o periódico traz, quando na verdade este público também é responsável por ressignificar aquilo que ele lê.

Pode parecer que considerar essas questões atinentes a múltiplos conceitos seja uma fuga do objetivo desse trabalho, mas na verdade, ao abordar a obra de Chartier, se faz relevante considerar a inter-relação entre diversos termos, embora deva reiterar que o centro da discussão ficará em torno da idéia de apropriação, relacionada com as noções de práticas e representações, como elemento chave, em articulação ainda com os demais aportes teórico-metodológicos, para a compreensão dos mecanismos utilizados pelo *Correio de São Leopoldo* na construção de uma mensagem marcadamente nacionalista e consonante com a campanha de nacionalização do Estado Novo, mas que sofreu determinadas adaptações até como forma de persuadir a comunidade de São Leopoldo, que deveria se integrar ao sentimento de patriotismo brasileiro, embora a “origem” de muitos de seus habitantes estivesse vinculada ao germanismo.

1.4 – A análise do discurso jornalístico como aporte metodológico

Ao considerar que o tipo de trabalho que me proponho a fazer tem como fonte primordial um órgão da imprensa escrita, no caso o jornal *Correio de São Leopoldo*, optei por utilizar como instrumento metodológico a análise do discurso jornalístico

produzido pelo periódico em questão. Para cumprir meus objetivos, devo dizer que a obra de maior importância foi o artigo “As armadilhas revisitadas: o jornal e a pesquisa histórica”, de Claudio Elmir (2007), uma obra que trata mais especificamente da análise do periódico a *Última Hora*, mas que apresenta importantes reflexos sobre o uso do jornal enquanto uma fonte para a produção de conhecimento histórico.

Elmir alerta para a necessidade de não se fazer uma correspondência direta entre o que é enunciado no jornal e o que será utilizado na pesquisa histórica, sob pena de incorrer no erro de crer na chamada “verdade jornalística”.²⁶ Em minha análise do *Correio de São Leopoldo*, procurei tomar cuidado com o excessivo dimensionamento que o periódico dá à integração dos habitantes do município ao sentimento de brasilidade e ao culto à nação. O fato de serem extremamente recorrentes notícias que davam conta do envolvimento da comunidade leopoldense em manifestações públicas de civismo, aliado a quase que inexistência de relatos de situações que tratam envolvimento de parcelas da sociedade do município identificadas com o germanismo, não pode ser tomada como correspondente ao contexto vivenciado por São Leopoldo nesse momento histórico. Na verdade, o que verificamos, nesse caso, é a utilização de uma estratégia do discurso jornalístico de transformar o “excepcional”, que deveria ser tratado de maneira marginal, em norma pela excessiva repetição, a fim de aproximar o leitor de determinada visão que o periódico deseja repassar (ELMIR, 2007, p. 7-8).

Não apenas a grande incidência de notícias de determinado gênero servem para identificar a mensagem que o jornal quer passar ao leitor, além disso, é importante considerar as reportagens que ocupam maior espaço nas páginas do periódico. Esses critérios que dizem respeito à fonte primordial, que nesse caso se constitui em objeto de pesquisa, precisam ser complementados por “critérios externos a fonte”, expressão utilizada por Cláudio Elmir.²⁷ Em minha pesquisa, utilizei como apoio para a análise mais empírica do jornal a bibliografia referente à nacionalização, ao Estado Novo e também à Segunda Guerra Mundial – até por ser esse conflito o marco político que definiu a abrangência cronológica de minha pesquisa. Além disso, consultei, mesmo que de maneira mais subsidiária, é bem verdade, outras duas fontes que abordaram o projeto de integração nacional mobilizado pelo governo de Vargas. Me refiro aqui a dois órgãos da imprensa escrita: o *Correio do Povo* e a *Revista do Globo*.²⁸

²⁶ Ver ELMIR 2007, p. 3. Aqui o autor trata da questão de que o discurso construído pela imprensa é o do senso comum e por isso deve ser visto com muito cuidado.

²⁷ Expressão utilizada em ELMIR, 2007, p. 9.

²⁸ Achei interessante o uso dessas duas fontes, até como contraste entre o discurso promovido por um jornal de pequeno porte, e que tinha o desejo de atingir o público de uma localidade que estava fora da

A importância da utilização de fontes, que não apenas o jornal a ser analisado, bem como o apoio dado pela bibliografia, serve como recurso para que seja possível trabalharmos de maneira mais adequada com a questão da divergência entre o que constatamos no discurso jornalístico e o que ocorre no âmbito social.²⁹ Neste trabalho, considerar as “origens” e a “tradição germânica” no município de São Leopoldo, bastante abordadas especialmente pela bibliografia, serve para relativizar o alcance da campanha de nacionalização – sobretudo naquilo que diz respeito à identificação da comunidade com o patriotismo brasileiro.

Mesmo que os editais mencionem o suposto compromisso de apresentar as notícias mais relevantes para a comunidade local é de se relativizar o conteúdo contido nos pronunciamentos da direção do jornal. Entretanto, outro alerta cabe neste caso, ao passo que realizar a devida análise crítica, também não pode fazer com que o periódico seja visto como um órgão conspiratório, manipulador – e essa abordagem me parece até mais “sedutora” e perigosa.

Uma das chaves para a análise do discurso jornalístico parece ser considerar constantemente os fatores internos e externos ao jornal, comparando evidentemente o que é “passível de comparação”.³⁰ Nesse ponto, quero deixar claro que, por mais que meu trabalho tenha como objeto de pesquisa o periódico *Correio de São Leopoldo*, procurei nas fontes subsidiárias – *Revista do Globo* e o *Correio do Povo* – e na bibliografia o apoio necessário para perceber não apenas os temas mais trabalhados no discurso do jornal, mas também aquilo que supostamente foi silenciado, ou tratado como secundário, embora as dificuldades não tenham sido poucas, até pela existência de pouco material mais aprofundado acerca do contexto do município no período que compreende a Segunda Guerra Mundial.

capital do RS, e o produzido por periódicos que faziam parte da grande imprensa do estado e atingia principalmente o público da capital.

²⁹ Ver ELMIR, 2007, p. 10.

³⁰ Claudio Elmir trata daquilo que ele denomina de “oscilação dentro/fora”, alertando para o fato de que “é preciso saber o que comparar; que unidades – tanto internas quanto externas ao jornal (a serem determinadas pelo investigador) – são passíveis de comparação (ELMIR, 2007, p. 13).

CAPÍTULO 2 – O jornal *Correio de São Leopoldo* e a campanha de nacionalização nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial: o contexto da “neutralidade” (1939-1941)

2.1 – A Imprensa e o Estado Novo: cooptação dos meios de comunicação e propaganda política

Este item do trabalho tem por objetivo abordar de maneira sucinta a relação entre Estado Novo e imprensa, com enfoque nos mecanismos de que esse regime lançou mão para cooptar os meios de comunicação e nas influências de governos totalitários europeus, que serviram de modelo para a consolidação da propaganda política de Vargas. Entretanto, as questões aqui levantadas estarão relacionadas, de um modo geral, aos anos que antecederam a entrada brasileira na Segunda Guerra Mundial, e possuem um caráter bem mais introdutório acerca de como o estudo dos veículos de comunicação interligado à compreensão das estratégias políticas para a legitimação do regime estado-novista serve de suporte para o entendimento de aspectos importantes do projeto de nacionalização e suas influências sobre diferentes âmbitos da vida social brasileira.

O Estado Novo foi marcado pelo seu forte aparato repressivo, sobretudo naquilo que diz respeito ao controle dos órgãos de imprensa brasileiros. Uma grande quantidade de jornais, rádios, revistas, entre outros meios de comunicação publicavam notícias e pronunciamentos exaltando os feitos promovidos pelo governo de Getúlio Vargas. Entretanto, não devemos esquecer que também houve setores da imprensa nacional que não se posicionavam ao lado da política estado-novista, os quais, na sua grande maioria, tiveram seus conteúdos censurados³¹ e, em casos mais extremos, foram proibidos de circular.

A imprensa denominada de teuto-brasileira, por exemplo, sofreu com as políticas adotadas pelo Estado Novo, o que, entretanto, não pode nos fazer imaginar que não houvesse formas de resistência, por mais que tenham se dado de maneira velada. Exemplo desse dilema midiático, entre defender uma “origem germânica” de uma determinada comunidade e cumprir as normas do governo, é o caso do jornal *Cidade de Blumenau*, que, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, apresentava notícias que destacavam o avanço germânico sobre a Europa e “salientavam positivamente a reciprocidade entre o Brasil e a Alemanha, e a valorização dos intercâmbios culturais

³¹ Um exemplo de jornal de caráter liberal que teve seu conteúdo censurado foi *O Estado de São Paulo*, tornado órgão a serviço do regime já no ano de 1940. Ver CAPELATO, 1999, p. 175.

entre os dois países”. Muitas das reportagens tinham como fonte “informações que vinham diretamente de agências de notícias alemãs”, as quais “eram traduzidas para o idioma português” (WIIK e SILVA, 2008, p. 99).³²

Compreender a relação entre a imprensa brasileira e o Estado Novo implica em considerarmos o caráter autoritário do governo de Vargas, entre 1937 e 1945, as influências sofridas pelos regimes fascistas europeus, e ainda os mecanismos que estes utilizaram para organizar os modelos de propaganda política que davam sustentação a esses governos. Cabe ressaltar que, embora guardadas as devidas peculiaridades da realidade social de cada nação, pode-se dizer que as estratégias utilizadas pelo Estado Novo brasileiro, naquilo que diz respeito à promoção positiva da imagem do regime e o controle dos meios de comunicação, tiveram uma considerável proximidade com os moldes da propaganda política nazi-fascista (CAPELATO, 1999).³³

Essa aproximação entre a propaganda estado-novista e aquilo que verificávamos no caso dos regimes fascistas, sobretudo o nazismo alemão, pode ser constatada nas estratégias empregadas com o intuito de não apenas persuadir a população, mas impressionar as massas quanto à força do poder constituído. O uso de discursos bastante voltados para o “despertar das emoções”, ou seja, a sensibilização das massas, com o emprego de termos de exaltação da pátria e do regime, permitia uma aproximação e identificação não apenas com a idéia do patriotismo nacional, mas também com o Estado Novo brasileiro, que se consolidou no poder mediante um golpe, e que num primeiro momento não teve grande preocupação com o contato com as massas, o que viria a se tornar bastante pertinente com o decorrer dos anos e a necessidade de legitimar o governo diante da população brasileira. Mesmo que já a partir de 1937 fossem criados na legislação mecanismos que permitissem a interferência estatal nos meios de comunicação³⁴, foi nos anos seguintes que percebemos ações mais sistemáticas naquilo que tange ao controle das diversas formas de expressão pública.

³² O artigo destacado comenta acerca do papel dessa imprensa “teuto-brasileira” frente ao nacionalismo, nas cidades de Blumenau e Hamônia. Devido à forte repressão do Estado Novo, os autores destacam que os jornais locais tiveram de adotar “*uma política identitária calcada em um germanismo à brasileira*”, como estratégia de resistência (WIIK e SILVA, 2008, p. 96).

³³ A proximidade entre o modelo de propaganda adotado na Itália fascista e na Alemanha nazista era evidente, considerando a natureza autoritária dos regimes que lá imperavam. Entretanto, Maria Helena Capelato (1998) aponta para uma diferenciação naquilo que diz respeito ao tratamento dado ao rádio, considerado mais relevante para a “manipulação” na Alemanha, e ao jornal, mais privilegiado pela propaganda italiana (p. 173).

³⁴ Informação extraída de CAPELATO, 1998. Nesse trecho do artigo, é mencionado o art. 1222 que “exterminava a liberdade de imprensa e admitia a censura em todos os veículos de comunicação” (p.171).

Ao falar de imprensa³⁵ nessa sessão de meu trabalho, não faço alusão apenas aos órgãos escritos, mas utilizo o termo ao me referir também ao rádio, que ainda possuía grande representatividade. Além disso, é importante relacionar a posição da imprensa num contexto de censura, por parte do governo, de diversas formas de manifestação pública. Podemos ter uma noção inicial das dimensões da vida social brasileira que foram alvo da política estado-novista, em termos das restrições aos meios de comunicação e formas de expressão cultural diversas, através da criação do DIP, “com o Decreto-lei n. 1915, de 27 de dezembro de 1939, (...) organizado, nos estados, como Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). Sua função básica era fiscalizar a imprensa em todo o território nacional, aplicar a censura às mensagens contrárias ao regime, promover a figura de Vargas e divulgar o noticiário oficial, supervisionando os meios de comunicação de massa, e, para tanto, foi dividido em cinco seções: radiodifusão, propaganda, cinema e teatro, turismo e imprensa” (FÁVERI, 2004, p. 349).

Como foi possível verificar no parágrafo acima, a preocupação do Estado Novo não se restringiu ao controle no âmbito da imprensa, sendo importante considerar a atuação do aparato repressivo frente a outras formas de manifestação no campo da “cultura”³⁶, como teatro, cinema e intelectualidade – só para citar alguns exemplos. O que, entretanto, não deve nos fazer acreditar que, na sua quase totalidade, o meio cultural se opunha ao modelo de governo e de política de intervenção estado-novista. Exemplo disso é o contexto sul-rio-grandense, em que a nacionalização³⁷, promovida pelo governo de Vargas, era vista com bons olhos por uma parcela considerável dos intelectuais, até pela concepção que muitos deles tinham de que a existência de etnias e crenças religiosas diversas, “ameaçadoras” da unidade nacional, contribuiria para a desagregação do Brasil. Esse modelo de pensamento era um reflexo da forte influência

³⁵ Percebi uma dissonância entre Capelato (1998) e Fáveri (2004) na concepção daquilo que pode ser enquadrado como imprensa. No texto de Capelato, a imprensa aparece como algo separado do rádio, talvez se referindo exclusivamente aos periódicos, enquanto Fáveri considera o rádio e os jornais e outros órgãos de escrita como pertencentes à imprensa da mesma forma, guardando as peculiaridades de cada meio de comunicação. Optei pela segunda opção, que designa de imprensa tanto as empresas radiofônicas, quanto os periódicos.

³⁶ A abrangência do termo cultura pode causar um mal estar no leitor. Nesse caso a referência está relacionada às manifestações artísticas e ao posicionamento da intelectualidade frente ao regime estado-novista. Ver GERTZ, 2005, p. 114.

³⁷ No âmbito do Rio Grande do Sul, a política de nacionalização encontrou grande respaldo na figura do já mencionado interventor federal Cordeiro de Farias, que levou quase ao extremo as hostilidades contra os denominados “quistos étnicos”. Além disso, não apenas o meio intelectual – contando com o apoio de Érico Veríssimo ao regime –, mas outros setores da sociedade gaúcha contaram com indivíduos que apoiaram o regime estado-novista, como Alcides Maya, Dante de Laytano, Darcy Azambuja, Guilhermino César, Moisés Vellinho, Walter Spalding, entre outros. Em GERTZ, 2005, p. 120-125, uma extensa lista com nomes de intelectuais e figuras importantes favoráveis ao Estado Novo.

do positivismo no estado, que se constituía em uma ideologia marcada pelo conservadorismo, pelo rechaço dos radicalismos, e que parece ter contribuído para a boa aceitação do Estado Novo por parte de muitos indivíduos vinculados à intelectualidade gaúcha e que viam a “inevitabilidade do fechamento autoritário”, inclusive como uma forma de manutenção da ordem (GERTZ, 2005, p. 118).

No Rio Grande do Sul, a ampla “aceitação” do regime estado-novista e da política de nacionalização é algo visível em alguns meios de comunicação antes mesmo da criação do DIP e da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Exemplo disso é o *Correio do Povo* de 24 de setembro de 1938, que aborda o “sucesso” da campanha em municípios como Lajeado e Arroio do Meio, destacando as viagens pelo interior do estado realizadas pelo então interventor federal Cel. Cordeiro de Farias.³⁸ Notícias desse gênero se tornam ainda mais frequentes, não apenas no Rio Grande do Sul, a partir da instauração do DIP e dos DEIPs e com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial e a entrada brasileira no conflito. O próprio jornal *Correio de São Leopoldo* está repleto de notícias e colunas abordando os feitos do governo Vargas e da campanha de nacionalização, como será melhor explorado a partir do próximo item deste capítulo.

Uma ressalva, entretanto, deve ser feita quanto ao exagero conferido à propaganda política – com o apoio da radiodifusão e da imprensa escrita – encarada, muitas vezes, como principal responsável pela legitimação do regime estado-novista. Nessa perspectiva, pode-se incorrer no erro de considerar que somente as intervenções governamentais foram responsáveis por consolidar o governo de Vargas, quando na verdade se faz pertinente matizar essa questão e levar em conta a inclinação com relação ao Estado Novo de parcela considerável de influentes setores sociais, inclusive jornalistas, e das classes mais populares. É a partir de determinadas “tendências já existentes na sociedade”, utilizando uma expressão de Maria Helena Capelato (1999, p. 178), que a propaganda política, através dos canais de comunicação, consegue atingir seus objetivos. O próprio controle da imprensa não pode ser pensado em termos, única e exclusivamente, da repressão estatal sobre rádios e jornais. É necessário ponderarmos que muitos jornalistas faziam apologia ao Estado Novo por compatibilidade com o regime, ou pela “troca de favores”, se levarmos em conta que o governo Vargas atendeu muitas reivindicações da classe (CAPELATO, 1999, p. 175).

O posicionamento adotado pelo *Correio de São Leopoldo* foi extremamente favorável às políticas promovidas pelo Estado Novo. O discurso do jornal é pautado pelo elogio ao governo Vargas, com ênfase na campanha de nacionalização. Para

³⁸ Sobre essa notícia ver GERTZ, 2005, p. 145.

compreendermos os motivos que fazem com que o periódico em análise defenda enfaticamente o nacionalismo brasileiro, sobretudo durante o Estado Novo – e mais ainda a partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial – é necessário compreender alguns aspectos que dizem respeito às próprias peculiaridades do jornal, bem como questões acerca da vida política no município de São Leopoldo, e da estreita relação da administração governamental local com o poder federal vigente.

No próximo item e no capítulo 3 tratarei mais detidamente da fonte principal desse trabalho, o *Correio de São Leopoldo*, a qual também é meu objeto de pesquisa. Quero ainda explicitar que muitos pontos que foram aqui tratados de maneira bastante simplificada serão retomados, com o acréscimo de novos elementos e uma exemplificação maior de meios de comunicação, que evidentemente sofreram as influências do governo de Vargas e que trataram tangencialmente ou de maneira efetiva o projeto de nacionalização.

2.2– O jornal *Correio de São Leopoldo*: entre uma comunidade de forte influência germânica e a devoção à pátria brasileira

Perceber as alterações no posicionamento do *Correio de São Leopoldo*, frente à questão nacional e a relação desta com a comunidade local, é um dos objetivos desse trabalho, para tanto foi preciso consultar, de maneira subsidiária, exemplares que ficariam de fora da pesquisa, se levássemos em conta apenas o recorte cronológico. Por ser o periódico também um objeto de pesquisa acredito ser relevante comentar alguns aspectos que dizem respeito aos primórdios deste órgão de imprensa e à sua vinculação com membros do poder político constituído no município de São Leopoldo, durante as décadas de 30 e 40.

Os primeiros exemplares do jornal datam de abril de 1932³⁹, entretanto o periódico mais antigo que encontrei disponível para consulta é de 20 de julho do mesmo ano, correspondente à 16ª edição. Numa análise superficial, podemos perceber que nessa época a relação da comunidade com o germanismo é apresentada como algo bastante valoroso. A colonização alemã no município seguidamente é mencionada como a responsável pela comunidade “laboriosa de São Leopoldo”, especialmente nas

³⁹ A informação referente à data de fundação do periódico aparecia nos editais de muitas edições na década de 40. Entretanto, fiquei com dúvida quanto a essa questão, já que encontrei jornais referentes ao ano de 1930, mas que parecem ser de outro modelo do *Correio de São Leopoldo*. Em todo o caso, utilizarei como data de fundação o ano indicado pelos editais da década de 1940, que apontam para 4 de abril de 1932.

proximidades das datas festivas alusivas ao aniversário da fundação da colônia, ocorrida em 25 de julho de 1824. O trecho abaixo corresponde a uma edição do jornal que antecede as festividades:

Transcorre na proxima segunda-feira mais um anno, o 108º, da colonisação allemã neste Município.

Como nos annos anteriores a Sociedade Gymnastica promoverá varios festejos em comemoração à data, contando-se entre elles: um campeonato estadual de esgrima, campeonato de atletismo, representação theatral, baile, etc, notando-se desusado entusiasmo para essas festividades.

E se considerarmos um pouco o que significa a colonisação allemã em nosso meio chegamos à conclusão de que é uma justa homenagem [aos] avoengos, festejando o dia em que elles, abandonando sua pátria, família, e relativo bem estar, se atirando às inhospitas plagas desconhecidas, aqui aportaram, sem outro recurso que o parco oferecido pelo então governo imperial, e boa vontade de que se achavam animados.

Luctando com toda a sorte de difficuldades: desde o desconhecimento do clima, costumes, a falta de todos e quaisquer recursos, se viram aquelles valentes desbravadores a braços com todas as cruezas e difficuldades.

Porem, com sua virilidade, affeitos aos labores, não só desbravaram as mattas, senão fizeram irradiar desse núcleo, pequenino, mas intemerato, a florescente colonia que se foi desenvolvendo e adquirindo aos poucos os foros de cidadania, esparzindo por todo o Rio Grande a semente de novos povoados teutos, e contribuindo assim para o mais rápido desenvolvimento das industrias fabris e extrativas, como também do commercio (*Correio de São Leopoldo*, 20 jul. 1932, p. 1).⁴⁰

Muito além das simples comemorações referentes à chegada dos primeiros alemães no Rio Grande do Sul, a coluna acima, intitulada *Collonisação allemã*, faz referência a muitas questões que fazem parte do “imaginário” criado acerca do imigrante alemão e das suas contribuições para o Brasil. O elemento que parece ser mais forte é o da

⁴⁰ Texto transcrito com a grafia original do texto publicado no *Correio de São Leopoldo* de 20 de agosto de 1932. A escrita será também a de origem nas demais citações literais que utilizarei em meu trabalho.

vinculação ao trabalho, e da capacidade de através dele contribuir para próprio progresso e do coletivo. Além disso, o texto faz alusão ainda às festividades na Sociedade Gymnastica, que exemplifica um espaço de reunião social das elites locais e que teve sua fundação fortemente atrelada a indivíduos de sangue alemão.⁴¹

Outra notícia⁴² que gostaria de destacar, referente aos primeiros anos da década de 30, diz respeito ao recebimento, por parte da população de São Leopoldo, de marujos do cruzador “Karlsruhe”.⁴³ Postado na primeira página do periódico *Correio de São Leopoldo*, o relato tenta demonstrar a receptividade da comunidade local aos marujos, até como um elo entre Brasil e Alemanha, a qual é descrita como exemplo a ser seguido no caminho da “civilização”. Na sessão do periódico que descreve o recebimento da tripulação germânica, é inclusive mencionado que a banda do “Karlsruhe” “executou o Hymno Nacional Brasileiro e a seguir o Hymno Nacional Alemão.” Além disso, o orador oficial dos festejos, Alfredo Gerhardt, se pronunciou “cumprimentando” aquilo que ele denominou de “missão alemã”, fazendo ainda alusão aos primeiros imigrantes germânicos que chegaram à região de São Leopoldo. No texto abaixo, estão reproduzidos alguns trechos de uma coluna que aborda a recepção aos marujos alemães:

A cidade de São Leopoldo vibrou de sadio entusiasmo com a visita da marujada do “Karlsruhe”.

Eram os de além-mar, os legítimos representantes dessa Alemanha que vive na pupila azul dos seus louros descendentes, nostalgicamente (...).

Nada mais edificante que esse amor à Patria de origem, persistente, indeseizável, forte como a morte⁴⁴, superior ao tempo, aos séculos (...).

⁴¹ Para maiores esclarecimentos dessa questão dos clubes sociais como espaços de representação das elites e de manutenção da vinculação da comunidade com a identidade germânica, temos o já mencionado trabalho de RAMOS, 2000. É importante pensar nesses espaços em termos das alterações que eles sofreram ao longo do tempo, até pelas políticas nacionalizadoras que, na verdade, iniciaram durante a Primeira Guerra Mundial, e com maior intensidade a partir do Estado Novo e com o advento da Segunda Guerra.

⁴² A notícia é mencionada em dois textos da mesma edição do jornal, com abordagens enfocando aspectos diferentes, a primeira delas é intitulada “Cruzador Karlsruhe”, que descreve a chegada dos marujos e os festejos que foram preparados para recebê-los. Já a segunda tem como título “Brava marujada”, e apresenta bem mais um discurso tentando vincular o povo leopoldense à Alemanha, até pela presença de muitos imigrantes e descendentes no município.

⁴³ A notícia é referente ao jornal de 14 de setembro de 1932, entretanto não é mencionado o dia exato em que a tripulação do “Karlsruhe” desembarcou em São Leopoldo.

⁴⁴ Interessante essa concepção que coloca a pátria no mesmo patamar da morte. Idéia essa que se aproxima daquilo que é apregoadado por Benedict Anderson, 2008, de que no século XX nunca as pessoas estiveram tão dispostas a “morrer pela nação”, pela “pátria”.

É um magnífico exemplo de patriotismo, de um senso moral empolgante, de efeitos sociais incalculáveis (...).⁴⁵

O descendente de alemão conserva aquele espírito da unidade racial que seduz as populações mínimas o seu egoísmo e faz dividir a sua vida pela vida celular da sua família e pela sua raça (...).

No dia em que nós, descendentes de outras raças, amarmos o nosso Brasil com esse fervor e conseguirmos implantar no nosso espírito o sonho de uma raça victoriosa e preponderante pela sciencia, pela moral, pela arte, teremos firmado a nossa grandeza e aberto ao mundo clarão immenso de uma civilização deslumbrante (*Correio de São Leopoldo*, 14 set. 1932).

Sem querer me deter excessivamente nesse período anterior à Segunda Guerra Mundial, no contexto internacional, e ao Estado Novo, no contexto nacional, se faz pertinente considerar o texto acima para ver as modificações e as permanências no discurso jornalístico apregoado pelo jornal que está sendo analisado. Além das relações de proximidade dos descendentes alemães com a pátria germânica, verificamos na coluna – presente de maneira mais sutil – a busca de uma nação brasileira, que deveria se espelhar no exemplo alemão, em construção, aparecendo elementos como “civilização”, “raça”, que ainda estão presentes na década de 30 nas discussões acerca da formação nacional. Nesse contexto histórico, embora houvesse uma tentativa de “diluir o discurso racial, (...) as práticas voltadas para a imigração e os imigrantes mostram a persistência do mito e a preocupação com a homogeneidade nacional – cultural e racial”. Esse tipo de pensamento contribuíra para a construção da “campanha de nacionalização implantada após 1937” (SEYFERTH, 1998, p. 212).

Abordando mais especificamente o tratamento ameno, e até elogioso, com relação aos alemães e teuto-brasileiros, presente no discurso do periódico *Correio de São Leopoldo*, deve-se levar também em conta a política adotada pelo governo de Flores da Cunha, no âmbito sul-rio-grandense. Nesse caso, vale inclusive ressaltar a criação do dia do colono, justamente o dia 25 de julho, instituído oficialmente como feriado estadual a partir de 1934. Como vimos anteriormente, as comemorações dessa data já faziam parte das festividades no município de São Leopoldo, onde o contingente

⁴⁵ Quero explicitar que o uso de tantos cortes no texto original diz respeito ao discurso prolixo do jornal, com muita repetição e bastante calcado no uso de muitos termos que exaltam a “nação” e “o patriotismo”.

“germânico”⁴⁶ sempre foi característico na comunidade, e permaneceram até o famigerado ano de 1937, que corresponde à tomada do poder pelo Estado Novo de Getúlio Vargas (GERTZ, 2005, p. 175). A existência de comemorações alusivas ao “colono alemão” será afetada em âmbito estadual pela ação da interventoria, que teve como primeiro nomeado o General Daltro Filho, o qual ficou poucos meses no cargo, sendo logo substituído pelo Coronel Cordeiro de Farias, em março de 1938⁴⁷, que, de forma intensa, se caracterizou por disseminar a campanha de nacionalização no Rio Grande do Sul.

A intensa ligação do periódico *Correio de São Leopoldo* com a figura de Theodomiro Porto da Fonseca faz com que seja importante considerar alguns aspectos que dizem a respeito à trajetória política desse personagem que governou o município “berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul” durante cerca de dezesseis anos. Nesse aspecto, a proximidade entre Theodomiro e o governador Flores da Cunha, colegas no Partido Republicano Liberal, se transforma em uma dissidência antiflorista, noticiada no jornal de 8 de maio de 1937⁴⁸ e em outros exemplares posteriores. A partir daí há uma aproximação cada vez maior do prefeito de São Leopoldo com a figura de Getúlio Vargas, que desde 1932 vinha num processo de desgaste nas relações com Flores da Cunha.⁴⁹

Essa constatação de que o jornal possuía um posicionamento político bastante claro o diferencia de alguns importantes órgãos de imprensa do estado que adotavam uma postura calcada no discurso da “neutralidade”, como era o caso do *Correio do Povo*. No *Correio de São Leopoldo* comumente tínhamos estampadas na capa notícias ocupando espaços enormes e que davam conta das obras realizadas pelo prefeito e das homenagens que recebia de diferentes setores sociais, as quais pareciam ser superdimensionadas, como se representassem os anseios de toda a comunidade. O elogio a Theodomiro é uma prática que se mantém ao longo da trajetória do periódico. Entretanto, embora tivesse sua própria existência vinculada ao prefeito e seus aliados políticos, o jornal que me propus a analisar atendia não apenas a interesses políticos, mas também comerciais, visto que não era distribuído gratuitamente e sim mediante assinaturas, como já fora comentado neste trabalho. Contava ainda o *Correio de São*

⁴⁶ Aqui a expressão é usada para me referir aos indivíduos que nasceram na Alemanha e vieram para cá e também os teuto-brasileiros, aqui nascidos, mas com ascendência germânica.

⁴⁷ Informação extraída de GERTZ, 2007, p. 41.

⁴⁸ Ver notícia intitulada “O partido republicano liberal de São Leopoldo solidário com a dissidência” *Correio de São Leopoldo*, 8 mai. 1937, p. 1 e 4.

⁴⁹ Para uma melhor compreensão do desgaste nas relações entre Vargas e Flores da Cunha, a partir da Revolução Constitucionalista de 1932, ver GERTZ, 2005, p. 11-18.

Leopoldo com o apoio de setores industriais e comerciais, que publicavam seus anúncios no periódico, dos quais os nomes mais recorrentes são os de Arno Mohr e Amadeo Rossi.⁵⁰

A existência de um jornal marcado pelo discurso nacionalista em uma região marcadamente caracterizada por forte contingente populacional de ascendência germânica serve para refletirmos acerca de algumas questões que envolvem a tensão entre a nacionalidade brasileira, em construção, e a presença de identidades concomitantes, vistas como nocivas – especialmente pelos agentes produtores do pensamento calcado na valorização do “bom brasileiro”.⁵¹ Considerar os múltiplos âmbitos de interferência na forma de disseminação da nacionalização é algo que não pode ser perdido de vista, o Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial e a postura dos governos estaduais do Rio Grande do Sul no período focalizado estarão constantemente entrelaçados na análise do jornal.

O periódico *Correio de São Leopoldo*, assim como qualquer fonte histórica, ao mesmo tempo em que nos revela determinados aspectos da campanha de nacionalização, obscurece determinadas questões. Se por um lado conseguimos, através da análise de exemplares desse jornal, perceber o alinhamento entre o governo local e a política apregoada pelo Estado Novo e, além disso, encontrar um discurso que tende a ressaltar a integração da comunidade leopoldense com a causa nacional, por outro lado são levemente tocados os aspectos que dizem respeito às hostilidades contra os indivíduos que não aderiam à “causa nacional”. As violências promovidas contra imigrantes alemães não são mencionadas, apesar de percebermos, em alguns momentos, um forte repúdio aqueles que, supostamente, não se identificavam plenamente com o sentimento de brasilidade, ou que ao mesmo tempo sentiam-se germânicos, sendo por vezes rotulados de “maus brasileiros”, de “sabotadores” ou tachados de “traidores”.

Entretanto, devemos levar em conta a dinâmica do discurso jornalístico promovido pelo *Correio de São Leopoldo*, que parece adotar, num primeiro momento, uma postura relativamente amena com relação à tensão entre nacionalidade brasileira e

⁵⁰ Amadeo Rossi era industriário, dono da indústria de armas de fogo Amadeo Rossi. Arno Mohr era ligado ao comércio, proprietário das Casas Arno Mohr. Ver *Correio de São Leopoldo*, 6 nov. 1942, p. 3; 25 set. 1943, p. 4; 13 nov. 1943, p. 4. Cabe também a referência de que os anúncios comerciais no jornal eram poucos, até pela sua dimensão reduzida, excetuando-se as edições especiais, como aquelas que comemoravam, em 12 de outubro, o aniversário do governo de Theodomiro Porto da Fonseca.

⁵¹ Termo extremamente recorrente no *Correio de São Leopoldo*, especialmente nas edições publicadas sob o regime do Estado Novo no Brasil. A campanha de nacionalização, sobretudo em termos educativos, fazia questão de produzir frases de efeito, como por exemplo: “Quem nasce no Brasil é brasileiro ou traidor?” (SEYFERTH, 1999, p. 221). Importante é perceber que nesse caso o ser brasileiro se refere ao “bom brasileiro”, em contraste com o “traidor”, que apesar de ter nascido, ou de residir nessa terra, não honrava a pátria.

sentimentos de pertencimento concomitantes – no caso o que mais interessa é a identificação com a germanidade, característica marcante da comunidade de São Leopoldo. O tom desse discurso vai se tornar mais hostil com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial e a tomada de posição brasileira ao lado das forças aliadas.

De certa forma, essa postura pouco ofensiva, num primeiro momento do conflito internacional, reflete um posicionamento indeciso, porque não dizer, do governo brasileiro com relação às potências do Eixo. Para uma melhor compreensão dessa complexa questão, devemos pensar que as ideologias autoritárias apregoadas pelo nazismo alemão e o fascismo italiano convergiam em muitos aspectos com o Estado Novo brasileiro, e que provavelmente a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial se deu bem mais por fatores econômicos e diplomáticos, que de incompatibilidade ideológica. Dentre as obras de destaque sob essa perspectiva, gostaria de mencionar *O Brasil vai à Guerra: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial* (SEITENFUS, 2003), que inclusive possui um capítulo em que o autor comenta que durante a Segunda Guerra Mundial houve momentos em que o governo Vargas mostrou certa inclinação para o lado germânico, como no discurso de 11 de Junho de 1940, pronunciado em Minas Gerais.⁵²

A neutralidade brasileira, que ocorre em parte pelas decisões da Conferência do Panamá⁵³, mas principalmente pela falta de condições para que o país pudesse atuar de maneira efetiva no conflito internacional⁵⁴, é inclusive mencionada em algumas colunas do *Correio de São Leopoldo*. Exemplo disso é a nota “A neutralidade brasileira” referente à edição publicada no dia 16 de setembro de 1939, em que é divulgado um pronunciamento que vem do diretor da secretaria do Interior, M. Bernardi, e que tem um trecho direcionado diretamente ao prefeito da cidade, abaixo transcrito:

Prefeito Municipal. – São Leopoldo. – Em nome [de]⁵⁵ Sr. Secretario Interior, recomendo-vos adoção [de] providencias [que] tornem sentido de ser prohibida toda discussão publica sobre assuntos de guerra, ficando, vedadas manifestações orais ou escritas pró ou contra

⁵² Para melhor esclarecimento acerca desse episódio, em que Getúlio Vargas se pronunciou favoravelmente às “nações fortes” e os “sentimentos patrióticos”, é importante ver SEITENFUS, 2003, p. 209-218. Inclusive esse discurso do dia 11 de junho teve repercussão bastante positiva na Alemanha e evidentemente negativa entre os defensores do modelo democrático-liberal norte-americano.

⁵³ Ricardo Seitenfus (2003): “(...) o continente americano atinge seu objetivo fundamental na Conferência do Panamá: conservar uma atitude comum de neutralidade diante da guerra.” (p.175).

⁵⁴ Ver SEITENFUS, 2003, p. 175-196.

⁵⁵ As palavras entre colchetes foram acréscimos meus ao texto original, com a intenção de facilitar a compreensão por parte do leitor.

qualquer dos paizes que estão participando ou venham a participar [do] conflito internacional irrompido na Europa considerando que é ditada não só pela neutralidade [do] Brasil, mas também pelo desejo [de] preservar [o] sossego [da] família Rio Grandense, Sr. Secretario Interior confia toda população desse município se absterá espontaneamente [de] debater em publico materia relacionada [à] nova guerra [que] estão travando algumas nações [do] Velho Mundo. Attenciosas Saudações. M. Bernardi, Diretor Geral Secretaria Interior. (*Correio de São Leopoldo*, 16 set. 1939, p. 1).

O pronunciamento acima, apesar de toda a formalidade, parece refletir-se na postura adotada pelo jornal dali em diante. Se levarmos em conta o conteúdo das notícias, colunas e editais divulgados pelo jornal *Correio de São Leopoldo*, entre o início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, e o alinhamento brasileiro com as potências aliadas, no ano de 1942, perceberemos que essa postura de neutralidade foi cumprida à risca pelo periódico, ao passo que não verificamos hostilidades com relação aos países do eixo, ou aos aliados. Mais importante que esta questão envolvendo o que ocorria no exterior, é perceber que os próprios “quistos étnicos” – neste trabalho, mais pertinente os descendentes de alemães – não são, pela análise dos jornais, alvo de campanhas ofensivas, em que sua postura diante da pátria brasileira pudesse ser eventualmente “contestada”. A nacionalização do Estado Novo parece se voltar bem mais para a integração das diferentes regiões brasileiras, embora fossem tratadas questões atinentes à assimilação dos imigrantes.

O discurso nacionalista, entretanto, não deixa de ser algo bastante visível no periódico. A figura de Getúlio Vargas é constantemente elogiada e tem pronunciamentos seus divulgados, como no primeiro jornal do ano de 1940, editado em 6 de janeiro.⁵⁶ Na ocasião, o “chefe da nação”, para utilizar a expressão mais recorrente que o periódico utilizava para designar Vargas, alerta para o fato de ser necessário, mesmo em “meio as festividades”, para a necessidade mantermos “o amor pelo Brasil”, até para a “construção de uma Patria (...) mais próspera e mais feliz” (*Correio de São Leopoldo*, 6 de jan. 1940, p. 1). De um modo geral, esses pronunciamentos eram bastante repetitivos, baseados em mensagens simples e que apelam para o lado emocional, algo característico da estratégia de persuasão nacionalista.

⁵⁶ A expressão “Pela Pátria!”, que compõe o título deste trabalho, foi extraída do pronunciamento de Getulio Vargas publicado pelo *Correio de São Leopoldo*.

Outro ponto destacado em algumas edições do jornal se refere aos aspectos pedagógicos da campanha de nacionalização. Instruir os jovens para serem “bons brasileiros” era um dos objetivos do ensino nesse período, como é possível verificar na coluna “Alicerces da nação”⁵⁷, também de 6 de janeiro de 1940. A questão do ensino, por vezes, ia além de inculcar uma doutrina educacional baseada em moldes militares⁵⁸, calcada na ordem e na rigidez, envolvendo inclusive o tratamento da “moral” e da “educação sexual”⁵⁹, como algo importante na formação dos jovens, pois “o sexo é a porta aberta a toda sorte de degradações físicas e de desvios morais, se não tiver a educação [para] controlá-lo” (*Correio de São Leopoldo*, 30 mar. 1940, p. 3).

As interferências da Segunda Guerra Mundial na política de nacionalização estado-novista, sobretudo naquilo que diz respeito ao tratamento dado aos alemães e imigrantes residentes no Brasil, ficam mais evidentes a partir da participação brasileira no conflito, quando inicia, em 1942, o período marcado por intensas hostilidades aos “súditos do Eixo”⁶⁰. Esses aspectos mais “ofensivos”, impulsionados pela guerra, e a forma como são apresentados pelo periódico *Correio de São Leopoldo* a uma comunidade com “origens germânicas”, serão trabalhados mais detidamente no Capítulo 3.

⁵⁷ Consultar *Correio de São Leopoldo*, 6 jan. 1940, p. 3.

⁵⁸ Essa questão da importância dos aspectos militares no ensino é tratada com detalhamento em BOMENY, 1998.

⁵⁹ Notícia intitulada “A Educação sexual no ensino oficial”, publicada no *Correio de São Leopoldo*, 30 mar. 1940, p. 3.

⁶⁰ Embora o foco do trabalho sejam os alemães e seus descendentes, a expressão destacada se refere à japoneses e italianos, que estavam atrelados, pelo menos na questão da ascendência, às potências que compunham o Eixo.

CAPÍTULO 3 – A participação do Brasil na guerra: o rompimento com as potências do Eixo e os reflexos sobre o discurso jornalístico do *Correio de São Leopoldo* acerca da campanha de nacionalização (1942-1945)

3.1 – A participação efetiva do Brasil na Guerra (1942-1945) e os reflexos sobre os teuto-brasileiros

Inegavelmente, a Segunda Guerra Mundial representou o período mais conturbado naquilo que diz respeito à afirmação da identidade brasileira em confronto com os “quistos étnicos” que, supostamente, ameaçavam a unidade nacional. Especialmente a entrada do Brasil na guerra, em 1942, teve um forte reflexo nas populações de origem germânica que aqui viviam, as quais progressivamente tiveram sua imagem cada vez mais vinculada à noção de “inimigos”, “espiões”⁶¹, etc. Nesse período a própria liberdade individual dos teuto-brasileiros foi muitas vezes negligenciada pelo Estado Novo brasileiro.

Cabe aqui lembrar que a definição de uma tomada de posição brasileira, em favor das forças aliadas, esteve intimamente ligada aos ataques à base norte-americana de Pearl Harbor, realizada pelos japoneses, em dezembro de 1941, e que determinou a efetiva entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra. A partir daí verificamos um processo de constante pressão dos norte-americanos pelo apoio dos países latino-americanos, sem falar, na busca por bases aéreas no nordeste do Brasil e na pressão por parte de setores da opinião pública brasileira (GERTZ, 2008).

É quase que evidente que os acontecimentos do conflito bélico internacional influenciaram também no discurso promovido por muitas empresas midiáticas do Brasil, as quais passaram, na sua grande maioria, a se posicionar de maneira hostil, em diversos momentos, com relação aos grupos étnicos identificados com as potências do Eixo, especialmente os teuto-brasileiros, foco de minha pesquisa.

Com o intuito de situar o jornal *Correio de São Leopoldo* em um contexto mais amplo, quero mencionar alguns importantes veículos de comunicação e comentar acerca do posicionamento que estes tiveram diante da ideologia e das práticas da campanha de nacionalização, sobretudo no tratamento dado aos alemães e teuto-brasileiros. Um

⁶¹ Estes termos em destaque eram constantemente disseminados na imprensa, inclusive sendo verificado em algumas edições do *Correio de São Leopoldo*.

desses órgãos é a *Revista do Globo*, que circulou em Porto Alegre entre os anos de 1929 e 1967.⁶²

A “luta” da imprensa era muitas vezes contra o temido nazismo, nocivo à unidade nacional, e as influências que ele poderia ter nas populações de ascendência germânica no Brasil. Na *Revista do Globo*, por exemplo, verificamos na edição 316, publicada no dia 28 de março de 1942, logo na capa, a seguinte notícia, como destaque: “Moças que salvam uma geração: a luta das professoras contra o nazismo”. (*Revista do Globo*, 28 de mar. 1942, capa).

A capa da revista apresenta ainda a imagem de uma professora e duas crianças de pele clara, com feições características do que seriam, no senso comum, ascendentes germânicos. Entretanto o mais interessante, até em termos de meu tema de pesquisa, é percebermos que na nota explicativa da primeira página aparece uma coluna que trata da possibilidade de disseminar o sentimento de pertencimento à identidade nacional através da educação, mesmo em comunidades fortemente identificadas com o germanismo. Na nota a respeito da capa, por exemplo, é mencionado que a professora, “tipo nacionalização” – expressão utilizada pelo periódico –, reprimiu um aluno por ter citado seu sobrenome germânico e não o primeiro nome. O garoto “personificava” o descendente de alemães – loiro, de olhos claros, evangélico – e se chamava Germano Hermann, porém estava acostumado a ser chamado de Hermann, fato reprimido pela professora. Apesar disso, a coluna da revista comenta que mesmo com tantos traços germânicos era possível que o garoto se tornasse, mediante a educação, um “bom brasileiro”, que cantaria com “entusiasmo o Hino Nacional, ao fim de cada aula”. (*Revista do Globo*, 28 de mar. 1942, p. 1).

O caso relatado acima exemplifica uma das tantas situações em que manifestações que tivessem qualquer relação com a germanidade eram repudiadas, fato relacionado com o possível caráter “ameaçador” que representavam à consolidação de uma nação brasileira plenamente integrada. Neste caso, cabe perceber não apenas a existência de acontecimentos dessa natureza, mas também o destaque dado por veículos da imprensa a essas situações de “conflito” entre a identidade nacional brasileira e sentimentos de pertencimento concomitantes.

⁶² A fim de inserir o jornal *Correio de São Leopoldo* em um contexto mais amplo, naquilo que diz respeito ao posicionamento da mídia brasileira diante da campanha de nacionalização promovida pelo Estado Novo, analisei, de maneira bastante superficial, é bem verdade, outros periódicos que tratavam da questão em debate. Entretanto acredito ser importante deixar claro que não é minha intenção traçar um amplo comparativo entre os órgãos de imprensa mencionados, já que isso fugiria ao meu problema de pesquisa.

É visível a crescente preocupação dos meios de comunicação em divulgar notas que faziam referência a possíveis ameaças germânicas no Brasil e à necessidade de tratar eventuais “nazistas” de maneira severa. Na obra de José Plínio Fachel (2002), por exemplo, é abordado o uso que o governo estado-novista fazia dos meios de comunicação para divulgar a campanha de nacionalização, com a hostilização, em muitos casos, aos indivíduos de ascendência germânica. O autor cita como exemplo o discurso apregoado pela revista *Revista Policial* que, sob o pretexto do combate os “possíveis nazistas”⁶³, incentivou o uso da violência contra os descendentes de alemães. O autor comenta ainda que “a violência passou a ser um recurso miraculoso na manutenção da ordem social, perpassando a questão de combate ao nazismo. Além de ser institucionalizada pela polícia, a sevícia também foi recomendada (...) no âmbito familiar” (FACHEL, 2002, p. 111).

A citação acima, que menciona o fato de a polícia interferir inclusive no âmbito privado dos indivíduos de ascendência germânica⁶⁴, é algo que pode ser verificado na medida governamental contida na “lei 4.166, de 11 de março de 1942, que determinava o confisco de todos os bens dos súditos do eixo [aqui também inclusos japoneses e italianos]”.⁶⁵ Entretanto, cabe registrar, que o tratamento dado a essa questão foi diferenciado, naquilo que concerne aos italianos, para os quais a decisão foi revogada já em julho de 1945, providência que não foi tomada em relação aos japoneses e alemães (GERTZ, 2005, p. 154).⁶⁶ Isso é inclusive um reflexo da dificuldade que o governo sempre teve naquilo que diz respeito ao projeto de “assimilação” das comunidades teuto-brasileiras – e também japonesas – intimamente ligado ao ideal de consolidação da identidade nacional brasileira, como já foi comentado em outros trechos deste trabalho.

Evidentemente, não se pode centrar a análise desse período única e exclusivamente nas violências (físicas ou psicológicas) aos descendentes de alemães, mas também nas demais estratégias que o Estado Novo lançou mal para concretizar seu projeto de nacionalização. Ponto importante, ainda não abordado, nessa campanha nacionalizadora, sobretudo a partir de 1942, foi a tentativa de destruição da memória relacionada à imigração e a importantes personagens de sangue alemão. Nessa questão,

⁶³ Expressão utilizada em FACHEL, 2002, p. 110.

⁶⁴ Retomada desse aspecto, mencionado mais superficialmente na página 4 deste trabalho.

⁶⁵ Acréscimo feito por mim, com relação à citação original.

⁶⁶ Naquilo que diz respeito aos descendentes “súditos do Eixo”, a postura mais ofensiva se deu em relação aos alemães, não apenas pelas características de sua comunidade – que se constituía em um entrave para a consolidação da nacionalidade brasileira, na visão do governo –, mas também pelo grande contingente populacional. Os japoneses, apenas não ocuparam posição central, pelo fato de não terem sido tão representativos numericamente (GERTZ, 2005, p. 146-147).

um caso que exemplifica essa temática é o de Jacob Aloys Friederichs, que mesmo sendo extremamente importante dentro da comunidade de origem germânica, tornou-se um “ilustre desconhecido”, ao passo que “a problemática que o evidenciou foi varrida das instituições pelo processo de nacionalização do Estado brasileiro na Era Vargas (e pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial)”. A imagem desse imigrante ficou apenas vinculada “à história de um dos maiores clubes sociais e esportivos de Porto Alegre – a SOGIPA (Sociedade Ginástica Porto Alegre – 1867), denominação que recebeu o *Turnerbund*, a partir de 1942 (...)” (SILVA, 2006, p. 18).

Mesmo sendo um indivíduo que se declarou brasileiro, após muitos anos aqui residindo, e contrário ao nazismo de Hitler, Friederichs teve sérios problemas com as autoridades policiais, tendo que declarar por várias vezes sua identificação plena com o sentimento de “brasilidade”, como na exigência que lhe fizeram de redigir título declaratório, em 1939 e, posteriormente, em 1942.⁶⁷ Muito provavelmente essa preocupação com Jacob Friederichs se dava pelo fato de ser ele uma liderança germanista, que se ocupou, sobretudo, com a inclusão dos imigrantes e descendentes de alemães na sociedade brasileira, sem deixar de abdicar, cabe aqui ressaltar, das relações com a pátria alemã.⁶⁸

Pensar em nacionalização, no âmbito do Rio Grande do Sul, faz com que seja importante considerar dois grandes pólos de intervenção estatal: um deles diz respeito à ação na educação, disseminada logo que o Estado Novo subiu ao poder, e teve como figura principal o secretário de educação, Coelho de Souza; Já o segundo pólo de atuação está relacionado ao aparato repressivo e contou como principal personagem o chefe de polícia Aurélio Py. Neste último polo, podemos diferenciar um período inicial, que centra suas ações na repressão nos nazistas e integralistas, mas que a partir de “1942 se voltou de forma generalizada contra tudo o que fosse ‘alemão’ ou relacionado com o “Eixo” (GERTZ, 1991, p. 64-65).

Nesse período mais crítico, que inaugura o rompimento nas relações entre Brasil e Alemanha, tudo aquilo que pudesse remeter à identidade germânica era motivo de preocupação para as autoridades policiais, como verificamos no caso de Alloys

⁶⁷ Maiores esclarecimentos sobre a “luta” travada por Friederichs no intuito de demonstrar que era brasileiro de fato, ver SILVA, 2006, p. 260-262. É importante perceber que, neste trecho da obra citada, aparece ainda uma carta endereçada ao governo Vargas, na qual Friederichs demonstra sua repulsa ao nazismo de Hitler, identificando-se com a identidade nacional brasileira. Vale lembrar que, na ocasião, ele estava na Alemanha.

⁶⁸ SILVA, 2006 trabalha no Capítulo 5, intitulado *Friederichs: entre o germanismo e a assimilação*, a constante “tensão” entre os elementos relacionados ao Brasil e os ligados à origem germânica, os quais podem ser encontrados na obra germanista de Jacob Friederichs. Justamente por essa constante mescla de elementos (brasileiros e alemães) foi considerado um intelectual teuto-brasileiro.

Friederichs, que, por ter sangue alemão, constantemente sofreu com a fiscalização dos responsáveis pelo aparato repressivo do Estado. Falar em repressão aqui, portanto, não se trata apenas de mencionar as violências e prisões dos “súditos”, mas também se trata de levar em conta os aspectos relacionados com a construção de um clima de constante ameaça – especialmente nazista –, de vigilância permanente (quase que uma paranóia, por que não dizer).

Embora seja necessária uma análise dos diferentes acontecimentos relacionados com a campanha de nacionalização para compreender esse período que vai de 1942 até o final da Segunda Guerra, em setembro de 1945, devemos levar em consideração as peculiaridades do contexto sul-rio-grandense. No âmbito estadual, a nacionalização sempre esteve muito atrelada, como já destacado nesse trabalho, ao Interventor Cordeiro de Farias, e com sua saída, para assumir Ernesto Dornelles – em setembro de 1943, percebemos uma amenização na política de combate aos “quistos étnicos” e na intervenção estatal no campo cultural.⁶⁹

No próximo item serão retomadas muitas questões que foram aqui abordadas, entretanto a ênfase será no discurso produzido pelo jornal *Correio de São Leopoldo*, e que foi influenciado pelos acontecimentos arrolados a partir da entrada brasileira. Na análise das notícias, colunas e editoriais sempre se faz importante considerar as peculiaridades do periódico, intimamente ligado ao prefeito do município e ao discurso nacionalista do Estado Novo varguista.

3.2 – O *Correio de São Leopoldo* a partir da entrada do Brasil na Guerra

Muitas vezes marcado por certa “neutralidade”, naquilo que diz respeito aos descendentes germânicos e sua afinidade com a identidade nacional brasileira, o discurso do periódico em análise foi visivelmente influenciado nesse período pela situação bastante delicada, valendo lembrar que o ano de 1942 já iniciara com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, ocorrida em 28 de janeiro. Esse mesmo ano foi marcado por uma série de acontecimentos que serviram para consolidar ainda mais a posição brasileira ao lado das forças aliadas, na Segunda

⁶⁹ Para melhor detalhamento desse processo de transição entre a interventoria de Cordeiro de Farias e a posse de Ernesto Dornelles, primo de Getúlio Vargas, ver GERTZ, 2007, p. 54-55. Interessante foi a reação de alguns setores sociais diante do governo de Dornelles, que passou a ser visto como um sinal de uma futura volta à democracia, como é exposto no seguinte trecho: “Passados os momentos iniciais de surpresa e de contrariedade de parte de algumas pessoas, políticos e intelectuais começaram a enxergar o novo governo como um sinal de início de um processo de redemocratização, passando a depositar esperanças numa liberalização. Alguns círculos até ficaram indignados com aquilo que consideraram uma liberalização excessiva, ao menos no campo cultural” (p. 55).

Guerra Mundial. Entre os fatos que marcaram o ano de 1942, temos os famigerados torpedeamentos de navios brasileiros por submarinos alemães.

Bastante peculiar no discurso do jornal que me proponho a analisar é o fato de, como foi anteriormente mencionado, mostrar a comunidade local como plenamente integrada ao sentimento de brasilidade. Esse posicionamento do periódico, entretanto, suscita a seguinte questão: quem seriam, nesse caso, os famigerados “maus brasileiros” – tão mencionados no período que está sendo abordado?

Como resposta à pergunta, parece que a estratégia empregada no periódico foi a de divulgar notícias com referências a exemplos de outras localidades, ou seja, o que não deveria ser feito vinha sempre de fora. De um modo geral, esses casos de atentado contra a pátria são vistos como esporádicos, sendo constantemente realçado o caráter bem sucedido da campanha de nacionalização.

Um exemplo do uso dessa estratégia foi a coluna de Péricles⁷⁰ do dia 31 de janeiro de 1942, intitulada “Mais um derrotista”⁷¹, em que o autor se refere a um episódio ocorrido na cidade de Ijuí, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul. Os relatos se baseiam em informações de outros jornais, não sendo citados nomes, sendo simplesmente mencionado o fato de serem provenientes da serra gaúcha. A notícia daria conta de um reservista que, ao apresentar-se ao Delegado da Junta Local, teria se declarado como alemão, e não brasileiro, mesmo tendo nascido em Cadeado, segundo distrito de Ijuí – fato que gera forte indignação por parte do colunista que relatou o caso.

Ainda analisando o discurso do colunista Péricles, percebemos muitos elementos que são recorrentes em diversos momentos no jornal. A utilização de termos como “derrotista”, “traidor”, “comparsas degenerados” e “vampiros da quinta coluna” serve para contrapor o grupo ao qual supostamente pertenceria o reservista que é destaque na notícia, o dos maus brasileiros, com os patriotas, os “bons brasileiros”, que representariam a maior parte da população de nosso país. Diferentemente daquilo que verificamos em um momento de maior “neutralidade” do discurso jornalístico do *Correio de São Leopoldo*, o que vimos aqui é uma clara negação à possibilidade de identidades concomitantes ao sentimento de brasilidade, a fim de preservar a unidade nacional. A identificação, portanto, com o germanismo⁷² se constituiria em uma afronta à pátria brasileira, especialmente no caso daqueles indivíduos que aqui nasceram, não

⁷⁰ Ao que tudo indica, os colunistas assinavam com nomes fictícios.

⁷¹ Coluna publicada no *Correio de São Leopoldo*, 31 de jan. 1942, p. 3.

⁷² Ver GERTZ (1991, p. 32), que comenta acerca do germanismo, uma “(...) tradução da palavra *Deutschtum*. É usada às vezes para designar simplesmente o conjunto da população de alemães e descendentes. Mas de uma maneira geral entende-se por *Deutschtum* uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã”.

nos esquecendo da conjunta histórica de rompimento de relações e hostilidades entre Brasil e Alemanha.

O discurso contido na coluna do jornal, apesar de dar conta de um indivíduo que ia de encontro aos princípios patrióticos brasileiros, sempre faz questão de ressaltar o excelente trabalho promovido pelos órgãos responsáveis pela manutenção da suposta “ordem nacional”, como é o caso da Junta Local de Ijuí. O projeto de nacionalização, sob orientação do Estado Novo, é sempre tratado como bem sucedido, sendo a maioria da população composta por “bons brasileiros” – termo que aparece muitas vezes no *Correio de São Leopoldo*, inclusive na coluna mencionada.

Os jornais de fevereiro de 1942 apresentam uma considerável quantidade de notícias e pronunciamentos de colunistas, até como uma forma de manifestar o posicionamento do periódico frente ao rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, e as demais potências que compunham o Eixo, ocorrida oficialmente em 28 de janeiro do mesmo ano. Como era um órgão de imprensa que publicava suas edições semanalmente, a repercussão do acontecimento mencionado se faz presente apenas a partir dos exemplares referentes ao dia 7 de fevereiro. Na ocasião o jornal estampa na primeira página dois pronunciamentos: O primeiro diz respeito a uma transcrição do *Jornal do Estado*, intitulada “Sob os clarins do Brasil”, que tem alguns trechos divulgados na seqüência:

A decisiva atitude tomada pelo Brasil, rompendo suas relações diplomáticas com o Japão, a Itália e a Alemanha, impõe aos súditos desses países inúmeros meros e delicados deveres com a nação que os abriga.

Está na palavra oficial (...) o propósito humano de tratar com generosidade aqueles que um dia procuraram a sombra acolhedora de nossa bandeira, para conosco colaborar na obra de grandeza econômica e espiritual da nossa terra.

Mas diante da gravidade do momento, é necessário que se esclareça até onde se estende esta nossa generosidade e até onde vai esta nossa tolerancia.

Aqueles que se colocarem dentro do critério de rigorosa observância de nossas leis (...) lhes respeitarão em suas atividades. No entanto as determinações prevêm os casos de rebeldias às disciplinas oficiais. Para estas transgressões, invocaremos os dispositivos da nossa legislação penal (*Correio de São Leopoldo*, 7 fev. 1942, p. 1).

Nessa coluna aparece em destaque na primeira página do *Correio de São Leopoldo* e mostra o posicionamento de um órgão oficial, o *Jornal do Estado*. A publicação de notícias e pronunciamentos transcritos de outros periódicos era prática comum, até por se tratar de um jornal de pequeno porte, e, portanto desprovido de grandes recursos para a manutenção de uma equipe de repórteres para irem “atrás da notícia”.

Mas nos detendo ao conteúdo da coluna, verificamos a presença de importantes elementos do pensamento calcado na desconfiança com relação aos “súditos do Eixo”. Esse pronunciamento dá a tônica do que veremos desse período em diante, a necessidade criada de permanente “vigilância”, por parte das autoridades, naquilo que diz respeito à conduta dos descendentes de italianos, e especialmente de japoneses e alemães. O comportamento desses indivíduos “com a nação que os abrigava” deveria ser irrepreensível, com um cumprimento da lei, sendo quaisquer atos de “rebeldia” repreendidos pelos “dispositivos da legislação penal”.

É interessante perceber que na mesma página em que é divulgada essa nota alusiva ao rompimento com as potências do Eixo, temos outro pronunciamento, que nesse caso se trata de um editorial explicitando a opinião do jornal diante do acontecimento em abordagem, intitulado “Nossa atitude em face do rompimento com das relações diplomáticas com os países totalitários”.⁷³ Nessa nota é mencionado o telegrama enviado pela Secretaria da Interventoria do Estado a Theodomiro e a correspondência que este envia em resposta, no dia 31 de janeiro, sendo possível identificar a “opinião do periódico” como plenamente apoiada na postura adotada pelo governo municipal diante das circunstâncias, que seria “coerente com a tomada pelo Chefe da Nação”.⁷⁴ Nessa mesma edição e página do jornal temos uma coluna bastante interessante, com a assinatura de “Bugre Velho” e intitulada “Respeito”, que em um possui um trecho em que é comentada a necessidade de preservar a língua nacional, uma espécie de alerta velado para uma comunidade onde muitos dominavam o alemão:

⁷³ A proximidade do governo local com o Estado Novo foi algo já mencionado inúmeras vezes nesse trabalho. Entretanto, também é interessante pensar na representação que o periódico, que dava “voz ao governo municipal”, faz do regime estado-novista, desde sua fundação, como um modelo de governo que ficaria responsável “por assegurar a paz à nação” (*Correio de São Leopoldo*, 13 nov. 1937, p. 2) e ainda rebate as críticas de alguns setores sociais ao suposto “totalitarismo do Estado Novo”, no *Correio de São Leopoldo*, 22 nov.1937, que se coloca a seguinte posição: “fomos, somos e sempre seremos pela Democracia, por isso aplaudimos o Estado Novo, que se alicerça, principalmente, sobre a honestidade, o patriotismo e o trabalho, mesmo porque sabemos, que defender o regime vigente equivale a defender a soberania nacional” (p. 1).

⁷⁴ A nota na íntegra está disponível no *Correio de São Leopoldo*, 7 fev. 1942, p. 1.

Não seria oportuno e prudente, para nós, em nossa própria casa, em nosso território, dentro de nossas fronteiras, ouvirmos uma língua diversa da língua nacional que somente serviria para dividir-nos e colocar-nos em estado de confusão e desharmonia. O Brasil tem uma só linguagem e ésta deve ser usada pela totalidade de sua população e jamais colocada em posição inferiôr o que importaria em a nossa submissão a interesses secretos de países agressores. (*Correio de São Leopoldo*, 7 fev. 1942, p. 1).

O trecho da coluna de “Bugre Velho” descrito acima e que faz um alerta para a necessidade para a população local manter, única e exclusivamente, a língua nacional é um entre os muitos pronunciamentos e notícias publicadas durante o mês de fevereiro de 1942 e que dão conta da necessidade de manter a “soberania nacional” frente a esses “países agressores”, representados pelas forças do Eixo.

No dia 14 de fevereiro de 1942, é publicada uma coluna que comenta a circulação em jornais cariocas, não divulgados os nomes, da obra do pangermanista Otto Richard Tannenberg, *Gross-Deutschland (A grande Alemanha)*, que teria influenciado as pretensões de Hitler de expandir o nazismo no exterior.

Embora não seja o foco deste trabalho abordar a questão do nazismo no Brasil, esse tema serve para entendermos alguns elementos acerca do projeto de consolidação da nacionalidade brasileira. A nacionalização promovida pelo o Estado Novo tinha a intenção de fortalecer uma origem nacional baseada em costumes latinos, especialmente lusos, contrastante com os “costumes alemães”, título da coluna,⁷⁵ o que aparece em um trecho do *Correio de São Leopoldo*, 14 fev. 1942, em forma de uma pergunta que busca rebater os argumentos de Tannenberg:

Ao autor de *Gross Deutschland* responderemos: O Brasil precisará se libertar de costumes hespanhóis e portugueses ou das séclas ambiciosas da *Quinta Coluna* que mandaram fabricar punhais para apunhalarem pelas costas os filhos do Brasil? (p. 1).

Este pequeno trecho transcrito acima apresenta temas muito presentes não apenas no *Correio de São Leopoldo*, mas também na imprensa durante esse período. Além da valorização dos elementos latinos, especialmente portugueses, em detrimento de

⁷⁵ Para Seyferth (1999): “As três principais correntes (italiana, portuguesa e espanhola), desde o início da República, atendiam com perfeição à ideologia assimilacionista norteada pelo sentido da formação nacional.” (p. 212).

quaisquer costumes relacionados com a identidade germânica, era recorrente nos jornais da época a noção de “quinta-colunistas”⁷⁶, termo utilizado para designar os brasileiros que, supostamente, apoiavam a política nazista e dos demais aliados do Eixo. Essa idéia aparece inclusive em outros exemplares do jornal *Correio de São Leopoldo*, como em 15 de agosto de 1942. Nesse dia, o colunista que assinava como “Bugre velho” exalta a “extraordinária campanha contra o quinta colunismo solapador de nossas instituições, traidor das tradições brasileiras, inimigo da pátria, desordeiro e desumano” (*Correio de São Leopoldo*, 15 ago. 1942, p. 1). Nesse mesmo pronunciamento, os descendentes de alemães que estavam no Brasil, vistos aqui como os fomentadores da quinta coluna, que guardavam a tradição de cultivar a pátria germânica, “através de cantos e da fala”, são vistos como “fanáticos totalitários”, que exaltavam uma nação que “não lhes deu o pão” e nem “lhes matou a fome”. O discurso apregoado é o da necessidade de “repulsa” com relação a esses “traidores”, que deveriam conhecer o verdadeiro “patriotismo”⁷⁷ brasileiro.

Além de constatarmos qual era o gênero das notícias mais recorrentes no periódico que está sendo analisado, é percebermos os assuntos que eram silenciados. Nesse ponto gostaria de destacar a repercussão dada aos famigerados atentados contra os navios brasileiros Araraquara, Baependi e Anibal Benevolo, por um submarino do Eixo, ocorridos no dia 18 de agosto de 1942.⁷⁸ Esse fato ocupou relevante espaço nas páginas do *Correio de São Leopoldo*, assim como em quase todos os jornais que circulavam no país, para demonstrar o repúdio da comunidade diante da “bárbara agressão nazista”, como aparece em um dos títulos das notas publicadas no dia 22 de agosto.⁷⁹ Percebe-se uma série de notícias que dão conta de manifestações de políticos e da população de São Leopoldo diante do afundamento dos navios brasileiros, que se mesclavam com rituais cívicos, como foi o caso de uma Homenagem ao Exército Nacional, passeata que contou com a participação “da grande massa popular” e que culminou com o discurso do Dr. Carlos de Souza Moraes, em frente ao núcleo da Liga

⁷⁶ Uma coluna, não assinada, do *Correio de São Leopoldo*, 7 fev. 1942, dá uma verdadeira “receita” de “como identificar os quinta colunistas”, em um dos trechos aparece mais uma vez a preocupação com a preservação do idioma nacional frente aos demais (aqui, mais especificamente as línguas das forças do Eixo): “Quando alguém disser: “é um absurdo a supressão da imprensa em língua estrangeira no Brasil, pois a cultura repele tal coisa e nas escolas brasileiras se ensinam línguas estrangeiras” esse indivíduo é um quinta colunista (...)” (p. 3).

⁷⁷ As expressões assinaladas nesse parágrafo foram todas extraídas do *Correio de São Leopoldo*, 15 Ago. 1942.

⁷⁸ Apesar desse acontecimento até hoje gerar dúvidas, a autoria dos ataques, pelos indícios, deveu-se ao submarino alemão U-507.

⁷⁹ A repercussão dos fatos se deu apenas no dia 22 de agosto de 1942, porque a circulação do periódico se dava de forma semanal, geralmente aos sábados.

de Defesa Nacional, que se localizava “defronte ao Círculo Militar Duque de Caxias”, na rua independência. O pronunciamento de Carlos Moraes não poderia deixar de mencionar, diante das circunstâncias, o “ignominioso atentado selvagem dos totalitários contra os indefesos navios nacionais” (*Correio de São Leopoldo*, 22 ago. 1942, p. 4). O afundamento dos navios brasileiros seria ainda repercutido na edição seguinte, de 29 de agosto, com a publicação de mais notícias aludindo às diferentes formas de manifestação da população, como uma “missa em sufrágio das almas das vítimas da barbárie do Eixo”, e ainda uma nota de destaque, e bastante ofensiva porque não dizer, que mencionava um “comício realizado em regozijo pela declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e Itália”.⁸⁰

Entretanto cabe destacar nos exemplares do jornal a ausência de notícias alusivas às manifestações mais violentas contra os alemães, ocorridas com maior intensidade em Porto Alegre, mas que também foram perceptíveis em outras cidades do Rio Grande do Sul, como Pelotas e São Lourenço do Sul. O *Correio de São Leopoldo* não deixa de mencionar os protestos populares contra a “barbárie do Eixo”, como pudemos verificar, entretanto não trata dos protestos mais agressivos, que provavelmente não tenham acontecido no município – mas que foram evidentes em outras localidades. Esses acontecimentos foram amplamente noticiados pelo grande jornal do Rio Grande do Sul na época, o *Correio do Povo*, que já no dia seguinte ao torpedeamento dos navios brasileiros noticia “A exaltada revolta popular contra a agressão nazista”, em que “centenas de estabelecimentos dos nacionais do Eixo [descendentes de alemães, de um modo geral]⁸¹ foram depredados pela multidão (...)” (*Correio do Povo*, 19 ago. 1942, p. 2).

Os prejuízos causados aos descendentes de alemães foram evidentes, basta ver pelas imagens divulgadas pelo *Correio do Povo* de estabelecimentos comerciais destruídos após os ataques enfurecidos da população. O mais curioso foi a presença, entre a multidão, do Interventor Cordeiro de Farias, combatente fervoroso aos “quistos étnicos”, que no dia 20 de agosto, entretanto, se pronunciou em uma nota divulgada pelo *Correio do Povo*, fazendo referência à necessidade de cessarem as depredações, até por provavelmente ter se dado conta de que a situação podia se tornar incontornável.

Perceber a ausência desse conteúdo mais ligado às violências contra os descendentes de alemães, também é aludir às características do *Correio de São*

⁸⁰ Ver *Correio de São Leopoldo*, 29 ago. 1942, p. 1.

⁸¹ Deve-se considerar que estabelecimentos de italianos, também “súditos do Eixo”, foram também depredados, embora nosso foco fique em torno dos descendentes germânicos.

Leopoldo. O periódico sempre foi orientado por uma postura baseada em um discurso de manutenção da ordem, sem a publicação de matérias que abordassem mortes ou formas variadas de crime, aqueles que liam o jornal, e levavam ao pé da letra o seu conteúdo, poderiam ficar com a impressão de que São Leopoldo era o “paraíso na terra”, onde o povo era “ordeiro e trabalhador”. Ao servir como um veículo de comunicação a serviço da prefeitura municipal tinha por intenção promover uma imagem de bem estar social permanente, e com a valoração positiva, em muitos momentos, dos setores sociais mais influentes na cidade e da sua relação com o poder político constituído, como podemos constatar em uma notícia que menciona a “homenagem ao Chefe da Nação e ao Edil Leopoldense”, que teria sido prestada pela “Associação do Comercio e Industria de São Leopoldo” (*Correio de São Leopoldo*, 17 jun. 1944, p. 1).

Outra questão que era bastante trabalhada pelo discurso jornalístico do *Correio de São Leopoldo*, e que se vinculava com a noção de ordem, eram os conteúdos quase sempre recheados por notícias alusivas às forças armadas, o que dizia a respeito da vinculação do poder municipal com o Estado Novo. Frequentes eram as notas que mencionavam o 8º B.C. (batalhão de caçadores) de São Leopoldo e suas participações em rituais cívicos, como nas “festividades relacionadas” com a “Batalha do Tuiuti”⁸², descritas como de “cunho altamente patriótico e cívico” (*Correio de São Leopoldo*, 29 mar. 1944, p. 1).

Devemos também ter em mente o papel que os veículos de comunicação tinham para o estabelecimento de um clima “militarizado”, com a produção do medo em relação às possíveis ameaças dos “súditos do Eixo”. “Na produção de imagens e construção de inimigos internos e externos, a imprensa instigava o confronto, ao mesmo tempo em que exigia uma tomada de posição” (FÁVERI, 2004, p. 47). Diante desses inimigos, diferentes estratégias deveriam ser tomadas inclusive às relacionadas à defesa do território, como ocorreu na criação do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea.⁸³

O *Correio de São Leopoldo* divulgou as instruções do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea para a população local, vindas do governo de estado, na edição correspondente ao dia 5 de setembro de 1942. O periódico acredita que a comunidade não teria grandes dificuldades, até pelas suas características, marcadas pela famigerada

⁸² A Batalha do Tuiuti foi um importante conflito ocorrido durante a Guerra do Paraguai, ocorrida no dia 26 de maio de 1866.

⁸³ “O Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea foi criado pelo Decreto Federal n. 4.624, em 26 de agosto de 1942, integrado aos serviços públicos, a serem organizados nos órgãos federais, estaduais e municipais, tendo à frente as autoridades militares, aproveitando-se dos serviços públicos e privados” (FÁVERI, 2004, p. 49).

“ordem e disciplina”. As instruções parecem por vezes considerar iminente a possibilidade de um ataque aéreo, alertando para a necessidade de a população manter-se sob controle, como aparece no item IV:

Não esqueçamos nunca que há sempre um certo intervalo de tempo entre o alarma, a chegada dos aviões e o início do bombardeio.

Devemos aproveitar com calma e inteligência aquele intervalo, procurando abrigar-nos sem precipitação e defender-nos com segurança (*Correio de São Leopoldo*, 5 set. 1942, p. 4).

A militarização inerente ao discurso e às práticas estado-novistas influenciava os diferentes âmbitos da vida social, inclusive as questões relacionadas com a educação – quando comumente essa relação é vista de maneira invertida, como menciona Bomeny (1999):

(...) o discurso de que a educação, bem planejada e disseminada, garante a ordem e a disciplina está na verdade invertido. Ao contrário, a necessidade imperativa da ordem e da disciplina define o que será e a que servirá a educação. Não é por outra razão, me parece, que o Exército, a quem pertence o monopólio da segurança nacional, interveio incisivamente nas questões relativas à educação sempre quando esteve em questão a manutenção dos regimes autoritários no Brasil (p. 141).

A relação estabelecida entre o âmbito educacional e o militar, mencionada acima, não deve ser pensada, entretanto, estritamente em termos das influências sofridas pelas escolas durante o Estado Novo e mais intensivamente com a Segunda Guerra Mundial. Os objetivos da nacionalização estavam relacionados com a idéia de formar um “cidadão-soldado”, contando com organizações que ficariam responsáveis por inculcar uma doutrina baseada em preceitos militares. Um dos mais importantes desses órgãos foi a Liga de Defesa Nacional, criada em 1916 e tendo como um de seus propósitos a divulgação da noção do serviço militar como uma escola para formar cidadãos.⁸⁴

⁸⁴ Informações que dizem respeito à História da Liga de Defesa Nacional. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDeDefesaNacional>>. Acesso em: 15 de novembro de 2011.

Já mencionada em outro momento desse trabalho, a Liga de Defesa Nacional aparecia com frequência nos noticiários do *Correio de São Leopoldo*. Suas atividades no município parecem datar da Primeira Guerra Mundial⁸⁵, entretanto estava inativa, em São Leopoldo, desde 1917 – pelas informações contidas na notícia de 10 de janeiro de 1942, que dá conta do restabelecimento das atividades desse órgão do Estado. O evento havia acontecido em 2 de janeiro, e nele foi empossado para dirigir a Liga em São Leopoldo o Cap. José Ribamar Miranda, sendo convidado pelo prefeito para as festividades o coordenador do núcleo de Porto Alegre o Cap. Darci Vignolli.⁸⁶ Na notícia é inclusive abordada, pelo capitão nomeado presidente do núcleo, a contribuição de longa data que Theodomiro Porto da Fonseca havia dado para o projeto de nacionalização, como percebemos no trecho abaixo:

(...) referiu [o Cap. José Ribamar Miranda] a colaboração prestigiosa que a liga teria do Cel. Theodomiro Porto da Fonseca, que, sendo um dos pioneiros desse movimento em São Leopoldo, pois que era um dos raros sobreviventes do movimento de 1917, daria todo o seu apoio à cruzada cívica que naquele instante se inaugurava (*Correio de São Leopoldo*, 10 jan. 1942, p. 1).

Na nota acima se evidencia a participação de Theodomiro na questão nacional desde a Primeira Guerra, quando teria contribuído com a Liga de Defesa Nacional. Enquanto prefeito de São Leopoldo foi se identificando com o projeto de nacionalização, até pelo estreitamento das relações com o Chefe da Nação, o presidente Getúlio Vargas. Porta voz da política do “Edil Leopoldense”, como era muitas vezes era denominado Theodomiro, o periódico *Correio de São Leopoldo* disseminou a campanha de nacionalização ainda através de outros elementos, como as datas intimamente relacionadas com a identidade nacional brasileira. Dentre as comemorações mais recorrentes tínhamos, não é difícil imaginar, a “Semana da Pátria”, que não ocupava as páginas do periódico apenas nos dias próximos ao 7 de setembro, mas que era abordada em edições que antecediam a preparação dos festejos e em exemplares publicados posteriormente aos eventos, que davam conta da repercussão dos acontecimentos. Em todos os anos estava lá presente um forte discurso nacionalista, mais presente nos meses

⁸⁵ Eloisa Capovilla Ramos (2000, p. 169), ao abordar o processo de nacionalização ocorrido nos clubes sociais de São Leopoldo, durante a Primeira Guerra Mundial, menciona a atuação da Liga de Defesa Nacional.

⁸⁶ Informações extraídas do *Correio de São Leopoldo*, 10 jan. 1942, p. 1.

de setembro, como na edição de 4 de setembro de 1943, que trata do início dos festejos da Semana da Pátria”:

Constituiu magnífico espetáculo o início das festividades da Semana da Pátria neste município, com a passagem do fogo simbólico, trazido da cidade de Salvador, na Baía, e que percorreu 4.639 quilômetros do território brasileiro até sua chegada, às 0 horas, do dia 31 de agosto último, em Porto Alegre. (...).

Conforme estava programado (...) dia 31 entrava o facho simbólico no município leopoldense, vindo de Caí, transpondo as delimitações de Genuíno Sampaio, ex- Estância Velha, 10 distrito dêste município, vizinho daquela comuna (*Correio de São Leopoldo*, 4 set. 1943, p. 1).

Notícias desse gênero, por mais prolixas que fossem, eram recorrentes sempre nas proximidades do dia 7 de setembro, que sinaliza as comemorações da independência do Brasil. Outras datas cujas comemorações, ligadas a identidade nacional, eram retratadas pelo *Correio de São Leopoldo* dizem respeito à Proclamação da República, ao feriado de Tiradentes, ao Dia do Soldado e o Dia da bandeira.

Outro fato que me chamou bastante atenção era a construção de um discurso que por vezes vinculava os rituais cívicos, a princípio laicos, à religiosidade. As chamadas “manifestações cívico-religiosas” eram constantemente retratadas nas páginas do jornal, como as que ocorriam todos os anos na Igreja da Trindade – exemplo do anúncio que antecede as festividades de 7 de setembro⁸⁷, que teria “como orador oficial o Rev. Vergara dos Santos, diretor do Ginásio Cruzeiro do Sul, de Porto Alegre” (*Correio de São Leopoldo*, 4 set. 1943, p. 4).⁸⁸

Essa vinculação entre Igreja e Estado deve ser pensada no contexto de permanente controle dos diferentes âmbitos da vida social pelo poder coercitivo. A “prestação de contas” que as instituições religiosas deveriam realizar repercute inclusive em um dos editais publicados no jornal, que mencionava a necessidade do preenchimento de questionários referentes à “quitação com a Diretoria de Estatística Educacional”, alertando para o fato que as entidades que não renovassem “as fichas”

⁸⁷ Os exemplos aqui dados, acerca das comemorações do 7 de setembro, não esgotam a quantidade imensa de espaços sociais que participavam dos festejos da “Semana da Pátria”. Clubes sociais, como era o caso da Sociedade Orfeu, e que nas suas origens eram identificados com a “pátria alemã”, mas com o processo de nacionalização, passou a ter “Bailes da Independência”, em alusão ao 7 de setembro.

⁸⁸ Outras notícias tratando dos rituais denominados de cívico-religiosos estão presentes em algumas edições do *Correio de São Leopoldo*, como as de 12 set. 1942; 11 set. 1943, p. 1; 26 ago. 1944, p. 4.

não teriam “da Delegacia de Polícia, as licenças para festas” (*Correio de São Leopoldo*, 13 mar. 1943, p. 3).

As manifestações relacionadas com as medidas “nacionalizadoras” permanecem no jornal durante todo o período da guerra, até por dizerem a respeito das próprias características do periódico, entretanto é importante matizar essa questão para não ficarmos com a impressão de que a nacionalização foi intensa durante todo esse período que vai de 1942 até 1945. Como já foi abordado neste trabalho, o âmbito do Rio Grande do Sul teve suas peculiaridades, sendo que a nacionalização já se torna mais “branda”, se pode dizer, a partir da saída de Cordeiro Farias e a posse de Ernesto Dornelles, em setembro de 1943.⁸⁹ As modificações no cenário político também interferiam no conteúdo do jornal, o tornando em maior ou menor escala ofensivos aos “inimigos do Brasil”, como foi visto ao longo deste capítulo. O próprio jornal parece “perder o norte” com a renúncia de Theodomiro, em 27 de novembro de 1944⁹⁰ e ainda a deposição de Getúlio Vargas e o final do Estado Novo, em outubro de 1945, cerca de dois meses após o final da Segunda Guerra Mundial.⁹¹

⁸⁹ Por isso a massiva presença de notícias do *Correio de São Leopoldo* referentes aos anos de 1942 e 1943, mais intensos no contexto gaúcho, em termos da nacionalização.

⁹⁰ Informação extraída de MOEHLECKE, 1982, p. 20.

⁹¹ Aqui se considera o final da Segunda Guerra Mundial a partir da rendição japonesa, ocorrida em 15 de agosto de 1945, que inclusive foi noticiada no *Correio de São Leopoldo*, 18 ago. 1945, p. 1. Apesar disso, o assunto pode gerar controvérsias, já que os documentos da rendição dos japoneses foram somente assinados em 2 de setembro de 1945.

CONCLUSÃO

Neste trabalho busquei identificar os mecanismos utilizados pelo jornal *Correio de São Leopoldo*, a fim de demonstrar a forma como este se apropriou e representou em suas páginas a campanha de nacionalização, promovida pelo Estado Novo, com enfoque no período correspondente à Segunda Guerra Mundial. Foi possível verificar que alguns elementos da nacionalização foram amplamente divulgados, enquanto que outros foram silenciados, fato que está relacionado com uma estratégia que visava adaptar um discurso fortemente calcado no nacionalismo brasileiro em uma região em que uma parte considerável da população possuía ascendência germânica – fazendo parte, desta forma, dos denominados “quistos étnicos”, os quais eram vistos como empecilhos para a consolidação de uma identidade nacional brasileira.

A análise de notícias, colunas, editoriais, entre outras sessões do jornal, permitiu-me constatar uma postura extremamente conservadora, algo justificável pelo seu alinhamento com o poder político constituído e suas relações com importantes setores econômicos do município. A tônica do discurso proferido pelo *Correio de São Leopoldo* se centrava nas realizações do prefeito Theodomiro Porto da Fonseca, com grande ênfase também na figura do “Chefe da Nação”, denominação dada ao presidente Getúlio Vargas. Os aspectos relacionados com a campanha de nacionalização também foram marca constante no periódico, tornados cada vez mais evidentes com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial e a maior ênfase nos “inimigos da nação”, imagem que foi cada vez mais associada aos “súditos do Eixo”, sobretudo os descendentes de alemães.

O tom conservador do discurso jornalístico promovido pelo *Correio de São Leopoldo* fazia, entretanto, com que não fossem divulgadas notícias alusivas às violências contra os teuto-brasileiros, como confisco de bens, abusos por parte da polícia, e especialmente as depredações de estabelecimentos comerciais, ocorridas em cidades do Rio Grande Sul após os bombardeios dos navios brasileiros por submarinos alemães, situadas cronologicamente em agosto de 1942. Aqui cabe ressaltar que essa postura não dizia apenas respeito à questão da nacionalização, e sim estava atrelada à própria “forma de ser” do jornal, a ponto de nem sequer as notícias relacionadas com a violência cotidiana no município serem publicadas.

Neste trabalho foi igualmente importante considerar a dinâmica na postura do jornal em análise, até por ter sido este objeto de pesquisa. Neste ponto tive de dedicar algumas páginas à tentativa de reconstituir a trajetória do periódico, algo que provavelmente não atendeu plenamente as expectativas, devido em grande parte às

poucas informações e a inexistência de trabalhos acadêmicos a respeito do *Correio de São Leopoldo*, pelo menos de acordo com meu conhecimento. Portanto, os dados que obtive acerca do jornal foram oriundos das análises do conteúdo deste, e ainda das generosas contribuições do historiador Germano Moehlecke, que já utilizou o periódico em seus trabalhos, só que de forma subsidiária.

Muito provavelmente, a maneira como foi representada a população de São Leopoldo oculta questões importantes acerca dos problemas que envolviam a nacionalização em regiões de forte contingente germânico, como era o caso do município. A comunidade era comumente descrita como “ordeira” e “trabalhadora”, marcas em geral identificadas com o “sangue alemão”, entretanto, ao mesmo tempo, buscou-se criar uma imagem de vínculo incondicional dos leopoldenses com a identidade brasileira. Esse ponto pôde ser identificado na análise das notícias que davam conta das manifestações cívicas, sempre descritas de uma forma que dava a impressão de que todos os habitantes da cidade eram patriotas, uma estratégia jornalística de dimensionar excessivamente determinados fatos, a fim de modificar determinadas práticas sociais, o que nesse caso se relacionava com a necessidade de fazer com que as pessoas se identificassem plenamente com a nacionalidade brasileira, sem sentimentos de pertencimento concomitantes.

A necessidade de ter este trabalho dimensões reduzidas fez também com que algumas questões ficassem de fora da abordagem, aqui gostaria de mencionar os elementos relacionados com a participação de leopoldenses na Segunda Guerra Mundial, ponto que ficou obscurecido em minha análise, mas que, entretanto é repercutido nas páginas do jornal *Correio de São Leopoldo*, embora de maneira bastante secundária. Esse foi um dos aspectos que poderiam ser explorados, em relação com a consolidação da identidade nacional brasileira, algo que fica como sugestão para estudos posteriores envolvendo a temática abordada.

FONTES

1. Periódico utilizado como fonte primordial do trabalho (disponível no Museu Visconde de São Leopoldo):

1.1. *Jornal Correio de São Leopoldo*.

Periódicos utilizados com caráter complementar à pesquisa:

1.2. *Revista do Globo*. (versão digitalizada).

1.3. *Correio do Povo*. (disponível no Museu Hipólito José da Costa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. In: *Diálogos*, UEM, v. 9, n. 1, 2005.

BOMENY, Helena M.B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999b.

BROCCA, Lionei Alves. *As perseguições aos "Súditos do Eixo" através das páginas do jornal Correio do Povo durante a Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. (monografia de conclusão do Curso de História).

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999b.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Estado Novo, o DOPS e a ideologia da segurança nacional. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: FFLCH/NEHO/ USP, 2007.

DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Orgs.). *Imigração e Imprensa*. XV Simpósio de História da Imigração e Colonização. 1. Ed. São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

ELMIR, Claudio. *As armadilhas revisitadas: o jornal e a pesquisa histórica*. Conferência de abertura do colóquio *Fontes Periódicas: imprensa política e cultura latino-americana*. Inédito, 2007.

FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Ed. UFPEL, 2002.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. 2ª ed. Florianópolis: UFSC; Itajaí: UNIVALI, 2005.

FRAGA, G. W. . *Branços e Vermelhos: A Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. (dissertação de mestrado).

GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo e integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *Cidadania e Nacionalidade: História e Conceitos de uma época*. In: MÜLLER, Telmo L. (Org.) *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994b.

_____. *O perigo alemão*. Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

_____. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

_____. *Estado Novo*. In: BOEIRA, Nelson e GOULIN, Tau (Coords.); GERTZ, René (Dir.). *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. Passo Fundo: Méritos, 2007. – v.4 – (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

_____. *O Rio Grande do Sul e a Segunda Guerra Mundial*. In: AXT, Gunter (Org.). *As guerras dos gaúchos: história dos conflitos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo Desde 1780*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KERBER, Alessandro; PRODANOV, C.; PUHL, P.. Representações étnicas no folhetim “Maria Bugra: episódio dos princípios da colonização alemã” e a construção da identidade da cidade de Novo Hamburgo. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v.14, n.26, p.191-214, dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/5396/3053>>. Acesso em: 06 ago. 2011.

- KONRATH, Gabriela Michel. *O município de Novo Hamburgo e a campanha de Nacionalização do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2009 (monografia de conclusão do Curso de História).
- LUCA, Tânia Regina de. História nos, dos e pelos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOEHLECK, Germano. *O Vale dos Sinos era assim*. São Leopoldo: Rotermond S.A, 1978.
- _____. *São Leopoldo era assim: o passado pela imagem*. São Leopoldo: Rotermond S.A, 1982.
- PARADA, Mauricio. A ordem da memória: a imprensa e o imaginário político do Estado Novo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lúcia Maria Alves (Orgs.). *Mídia e Memória: a produção de sentido nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- POUTIGNAT, Philippe STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. *O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (Tese de doutorado).
- SEITENFUS, Ricardo. *A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- _____. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942: O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.
- _____. Imigração e diferenciação cultural: algumas questões conceituais. In: TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C (Orgs.). *Migrantes ao sul do Brasil*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010.
- SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Entre o Amor ao Brasil e ao Modo de Ser Alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*. São Leopoldo: Oikos, 2006.
- VOIGT, André Fabiano. Emílio Willems e a invenção do teuto-brasileiro, entre a aculturação a assimilação (1940-1946). In: *História: Questões & Debates*, n.46, Curitiba: Editora UFPR, p. 189-201, 2007.

WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e História*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

WIIK, Flávio Braune e SILVA, Eduardo Gomes. Os teuto-brasileiros e o papel da imprensa frente ao nacionalismo presente em Blumenau e Hamônia (1937-1945). In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, v.42, n.1 e 2, p. 91-110, Abril e Outubro de 2008. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~revista/rch42/RCH42_artigo_4.pdf>. Acesso em: 9 de novembro de 2011.

